

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL FACULDADE DE  
CIÊNCIAS HUMANAS  
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA (PROF/FILO) OTONIEL LUIZ ALEM  
BLANCO**

**COMO ENSINAR MARX NO ENSINO MÉDIO: AULAS INTRODUTÓRIAS AO  
MÉTODO DE MARX**

Campo Grande - MS

Outubro/2019

**OTONIEL LUIZ ALEM BLANCO**

**COMO ENSINAR MARX NO ENSINO MÉDIO: AULAS INTRODUTÓRIAS AO  
MÉTODO DE MARX**

Dissertação apresentada à banca examinadora do programa de Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em Filosofia, sob orientação do Prof. Dr. Ricardo Pereira de Melo.

Campo Grande - MS

Outubro/2019

*Dedico exclusivamente esse trabalho  
ao esforço dos meus pais, Walmor e  
Julia, que sempre acreditaram em  
mim.*

## AGRADECIMENTOS

Quero neste momento de finalização desse trabalho lembrar de pessoas importantes nesse processo de conclusão de um período importante de estudo na minha trajetória acadêmica que espero ainda tenha outros capítulos. Momento difícil de muitas dúvidas, insegurança e até questionamentos se isso mesmo que quero fazer, das minhas capacidades de produzir um trabalho de autoria própria com autonomia.

Frente a esses fatos quero lembrar dos meus colegas do mestrado da turma 2017/2019 com carinho e grande afeto, Vera, Paulo, Odair, Douglas e Luís sem sombra de dúvida muito contribuíram para meu crescimento durante as aulas, nossas leituras e apresentações. Excelente turma.

O que dizer aos professores? Espero aqui com minhas palavras conseguir expressar minha gratidão, meu respeito, minha admiração a todos. Pelo companheirismo, pela dedicação, a paciência por posições às vezes equivocadas, que pelo desejo de acertar e fazer algo diferente, novo, cometemos várias vezes. Pelas excelentes aulas, pelo aprendizado, pelo exemplo daquilo que devemos ser com nossos alunos. E não poderia esquecer da Margareth, nossa secretária do programa, pelo atendimento carinhoso de sempre com nossos pedidos e solicitações administrativas.

Em especial, quero agradecer ao meu orientador, Professor Ricardo Pereira de Melo, que considero um amigo, acima de tudo, pela contribuição, paciência nos momentos de fraqueza, quando quase desisti de tudo, mas fui prontamente resgatado com palavras de ânimo, encorajamento, que eu jamais poderia pensar não dar conta. Sem isso esse momento de grande conquista jamais seria possível.

E com grande carinho quero aqui lembrar do professor Stepan Krastanov, que no decorrer desse ano veio a falecer devido a suas condições de saúde. Suas aulas eram excelentes, estudar o filósofo alemão Friedrich Nietzsche nos fez muito bem para pensar o processo educacional no qual estamos inseridos, nossas mazelas e sua percepção particular sobre a condição humana. Se não foi a melhor disciplina, uma das melhores. Meu mais profundo respeito e admiração. Saudade do café após a aula e nossas conversas do lado de fora do programa, mesmo após a aula ter terminado. Saudades!

E por fim, quero lembrar e agradecer a minha família. Em especial à minha mãe, que tanto lutou por nós e que ainda temos o privilégio de termos ao nosso lado. A

figura do meu pai, que hoje compreendo, lembrando de toda sua luta, insistência para que estudássemos, que a seu modo demonstrava grande sabedoria para driblar as dificuldades e ser exemplo para todos nós em casa.

Um mascate das longínquas fronteiras sul desse estado, que se tornou funcionário da Noroeste do Brasil e construiu uma trajetória de lutas pelas pessoas pobres sem direitos dessa sociedade, que passaram uma vida toda trabalhando e produzindo riqueza, mas que na velhice foram esquecidas, humilhadas e jogadas à própria sorte. Em muitos momentos ele as resgatava dessa penumbra e as trazia de volta dessa condição, lutando em todas as instâncias até conseguir um auxílio financeiro mínimo, mas que fazia muita diferença. Registro aqui minha homenagem a seu exemplo.

E pôr fim, aos meus irmãos, que muitas vezes divergimos em nossas opiniões e modelos de vida, mas que sempre estamos juntos, partilhando e servindo, quem sabe de inspiração para nossos filhos e amigos. Aos meus amigos, que mesmo a distância, se interessaram com perguntas, com apoio nos momentos de dificuldades. Obrigado a todos, cada um ao seu modo foi fundamental nessa conquista.

Os homens fazem a sua própria história, mas não o fazem como querem [...] a tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos.

*MARX, Karl. Dezoito Brumário de Louis Bonaparte, 1852.*

## RESUMO

O objetivo central dessa dissertação foi evidenciar que nos manuais didáticos utilizados pelos alunos da educação básica pública da rede estadual de Mato Grosso do Sul na disciplina de Filosofia, temos uma insuficiência nos conteúdos de forma geral naquilo que chamamos de História da Filosofia. Marx aparece ainda mais insuficiente, mais limitado do ponto de vista da sua teoria, seu pensamento a falta de contextualização e do conceito de totalidade. Por fim ficou bastante evidente que os manuais didáticos são insuficientes, mau utilizados e que acabam por colaborar com a reprodução do capital como mais uma mercadoria longe do seu fim desejado pelos pais e professores de colaborar de forma objetiva na formação dos nossos filhos e alunos. Do ponto de vista da discussão teórica não se pode culpar Engels de forma direta pelo desvio da forma de exposição e entendimento da teoria para o enfretamento político até pelo contexto das lutas sociais e do árduo trabalho após a morte de Marx, que Engels desenvolve no cenário europeu. Cabe lembrar o papel desenvolvido pelo partido social democrata alemão e mais tarde do stalinismo na difusão das ideias e obras de Karl Marx que na maioria dos casos tivemos acesso nas últimas décadas. Mediante a tal cenário foi proposto uma ementa de aulas que proporcionassem aos alunos em entendimento e compreensão da tradição na qual Karl Marx se insere que remonta aos pensadores gregos.

Palavras chaves: Manual didático. Filosofia. Marx. Educação Pública. Ementa de Aula

# SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
1.1	METODOLOGIA .....	11
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: AS QUESTÕES QUE ENVOLVEM A PRESENÇA DE ENGELS NO LEGADO DEIXADO POR MARX</b> .....	<b>13</b>
2.1	DESDOBRAMENTOS DA RESPOSTA AO SR. DUHRING .....	15
2.2	O ÚLTIMO ENGELS E SEU LEGADO.....	19
2.3	ASPECTOS CONCLUSIVOS .....	22
<b>3</b>	<b>MANUAL DIDÁTICO – UM BREVE HISTÓRICO</b> .....	<b>25</b>
3.1	O INÍCIO .....	26
3.2	O CASO BRASILEIRO .....	28
3.3	O LIVRO DIDÁTICO GRATUITO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO PÚBLICA.....	32
3.4	A FILOSOFIA COMO DISCIPLINA NO ENSINO MÉDIO.....	35
3.5	A FILOSOFIA NO ENSINO BÁSICO BRASILEIRO.....	36
3.6	ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS ATUAIS.....	38
3.7	MARX NOS LIVROS DIDÁTICOS. ....	40
3.7.1	<i>Análise 1</i> .....	40
3.7.2	<i>Análise 2</i> .....	42
3.7.3	<i>Análise 3</i> .....	45
3.7.4	<i>Análise 4</i> .....	47
3.7.5	<i>Análise 5</i> .....	50
3.8	ASPECTOS CONCLUSIVOS.....	52
<b>4</b>	<b>PROPOSTA DE EMENTA CURRICULAR PARA DESENVOLVIMENTO DE AULAS DURANTE UM BIMESTRE NA TEMÁTICA MARXISTA</b> .....	<b>55</b>
4.1	METODOLOGIA NAS AULAS .....	57
4.2	A EMENTA GERAL DO BIMESTRE: "PENSAMENTO DIALÉTICO: DE PLATÃO A MARX" .....	59
4.2.1	<i>Aula 1</i> .....	61
4.2.2	<i>Aula 2</i> .....	62
4.2.3	<i>Aula 3</i> .....	63
4.2.4	<i>Aula 4</i> .....	64
4.2.5	<i>Aula 5</i> .....	65
4.2.6	<i>Aula 6</i> .....	66
4.2.7	<i>Aula 7</i> .....	68
4.2.8	<i>Aula 8</i> .....	69
4.3	INDICAÇÃO DE MATERIAIS PARA O APOIO NAS AULAS .....	69
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>75</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>80</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa é fruto das leituras de obras clássicas e artigos sobre o Marxismo e Marx, pela participação no Grupo de Estudos Marxistas (GPEM) na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e das inquietações que essas atividades produziram na busca do entendimento da obra de Marx. Origina-se também da experiência de utilizar por mais de dez anos manuais didáticos, no início insuficiente em quantidade e, posteriormente, em qualidade, e constatar suas limitações teórico-metodológica.

Essas questões acima citadas levaram a reflexões do que é tratado em sala de aula e qual o alcance da Filosofia sendo trabalhada de maneira superficial, sem construção de significado para os alunos e como mera reprodução da História da Filosofia. Em particular chamou atenção a utilização dos livros didáticos, o lugar que é dado às obras de Karl Marx<sup>1</sup>.

Na maioria dos manuais didáticos temos uma perspectiva de superficialidade, com pouquíssimo conteúdo e abordagens sem nenhuma contextualização ou mesmo, em alguns casos, apenas uma página de conteúdo superficial. Isso suscita uma série de indagações: mesmo os livros didáticos que trazem o conteúdo, qual o objetivo? Informar? Desinformar?<sup>2</sup>

A ideia de produção de um material didático (ementa de aula) que auxilie na abordagem da obra de Marx nas escolas de ensino básico da rede estadual vai de encontro com a necessidade de uma boa formação de nossos alunos em todos os requisitos necessários que estão expostos de acordo com os documentos oficiais que regulamentam nosso sistema de ensino.

Além de uma formação política e crítica, que são próprias da Filosofia, dos pressupostos que fazem dela um conhecimento importante e fundamental da sociedade ocidental. Outro ponto importante é o papel da Filosofia de acordo com a

LDB 9394/96, a qual diz ser função da Filosofia e da Sociologia o desenvolvimento do cidadão, no artigo 36, § 1º, inciso III, define que: “ao final do

---

<sup>1</sup> Pressuposto de que sempre devemos utilizar a obra direta do autor, os clássicos para que os alunos bebam na fonte sem a intervenção de ninguém ou a interpretação por entender que é ideológico a prática que espanta os alunos ao afirmar que é difícil realizar a leitura, para assim dificultar os alunos a ter acesso direto ao texto do autor.

<sup>2</sup> Os livros que foram utilizados para análise prévia são os livros do triênio 2015-2017 em uso até dezembro. Foi utilizado o livro: *Filosofando – Introdução à Filosofia* das autoras Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins, da Editora Moderna, que está na 5ª edição. O capítulo tem o título de as teorias socialistas e vai da página 262 a 272 entre textos e exercícios. A segunda obra tem o título: *Filosofia: experiência do pensamento*, do autor Silvio Galo, da Editora Scipione, que está na sua primeira edição. Marx é apresentado nas páginas 70 a 72.

Ensino Médio os educandos devem demonstrar domínio dos conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania”.

Assim a busca pela qualidade é um objetivo a ser trilhado na educação básica em todos os seus componentes curriculares. Dessa forma, esse trabalho tem por proposta elaborar um material que possa auxiliar para evitar equívocos e superar as limitações que venham a ser constatadas nos materiais analisados e possam de alguma forma influenciar nossos alunos para que não desenvolvam sua plena capacidade intelectual

Poderíamos buscar inúmeras questões que de alguma forma colaborassem para apresentar a hipótese desse projeto, as limitações da própria forma social, o desinteresse do professor gerado por desvalorização do ponto de vista social, mas enfim, elegemos como pressuposto o material que o aluno utiliza: o livro didático.

Se entende ser um elemento central, pois, o manual didático é uma ferramenta direta que o aluno utiliza em seu dia a dia. Dessa forma, o prejuízo com um material de qualidade duvidosa traria uma lacuna na formação de nossos alunos, que pela situação da educação básica em nosso país com pouco investimentos e descasos dos diversos governos, seria algo muito problemático de superar durante sua vida escolar e que, por consequência, o acompanharia por toda sua formação como indivíduo.

Ao mesmo tempo que a problematização dos conteúdos relacionados ao filósofo alemão Karl Marx se potencializou pelo grau de dificuldade que se criou sobre o pensamento do autor, isso faz parte de um arcabouço ideológico construído de acordo contexto histórico que poderíamos afirmar de forma intencional

Vale ressaltar que, seja no ensino da Filosofia que envolve especificamente o pensamento de Marx, ou qualquer outro tema envolvido, seja na Filosofia Antiga, Filosofia Moderna, etc., tem que ser sempre em direção à busca da verdade. Por isso a importância da sistematização e coerência dos conteúdos.

Outro aspecto importante a ser desenvolvido é a responsabilidade política do professor de trabalhar com afinco e empenho, tendo em vista que boa parte da população brasileira passa pelos bancos das escolas públicas. De acordo com Silveira e Goto (2007, p. 86), a Filosofia é a busca do conhecimento verdadeiro, ou a busca da verdade escondida atrás das aparências, ela não apenas não se identifica com o senso comum, como também supõe necessariamente a sua crítica e superação.

Por meio dessa tradição que se baseia na qualidade e nas necessidades de um grande grupo de pessoas que passam pelos bancos escolares das instituições públicas

de ensino básico desse país, essa profundidade e o desenvolvimento da capacidade crítica devem ser o grande objetivo a ser alcançado.

A mudança social para Marx não se limita ao conhecimento da teoria, mas é condição *sinequanom* para atuação política, a chamada *práxis*, atuação juntamente com a classe trabalhadora e participação necessária para organização e maturidade política.

Dessa forma, é indispensável a discussão de um tema socialmente tão importante. Do ponto de vista acadêmico ainda se tem muito a construir e buscar entendimento. Durante a elaboração desse projeto ficou evidente a escassez de produções envolvendo a temática.

Quanto mais o tema for discutido e evidenciado, mais poderá promover a construção da consciência em nossos estudantes. Por meio da análise conjuntural do momento que passamos, fica evidente a colaboração que o estudo das obras de Karl Marx pode oferecer para evidenciar os limites desse modelo social.

## **1.1 Metodologia**

O trabalho será desenvolvido partir de pesquisa bibliográfica em manuais didáticos de filosofia adotados na rede pública estadual, disponibilizados pelo Ministério da Educação (MEC), que são utilizados pelos professores durante as aulas.

Foi realizada buscas nas bases de dados como sites disponíveis de artigos científicos, revistas on-line, teses e dissertações para identificar as possíveis produções que mais poderiam colaborar com o desenvolvimento do trabalho. Após esse momento, organizar, realizar leituras e categorizar as informações para análise do pressuposto da pesquisa, a hipótese.

Esse estudo realizou uma pesquisa bibliográfica, recorrendo a procedimentos como leitura e fichamento das obras selecionadas que tratam do assunto. Buscou-se quais as obras mais indicadas para desenvolvimento das atividades com os alunos e uma seleção com definição de critérios objetivos para facilitar as escolhas.

Dentro da proposta de familiarizar os alunos com os clássicos marxistas, foi desenvolvido com os alunos trabalho em seminários para leitura e interpretação das obras e desvelamento de conceitos fundamentais, a fim de evitar equívocos históricos do ponto de vista teórico.

Com base na análise e interpretação dos dados encontrados nos textos

selecionados, foi desenvolvido o estudo estruturado o texto da dissertação como elemento final do curso de mestrado.

Como além da dissertação nesse modelo de curso, mestrado profissional em Filosofia, temos que desenvolver um produto, será proposto uma ementa para ser trabalhada durante um bimestre inteiro, como introdução aos estudos em Marx, para os alunos do terceiro ano do Ensino Médio da Escola Estadual Rui Barbosa, situada na cidade Campo Grande – MS, a partir dos clássicos do pensamento marxista e seus principais pares. Ainda sobre essa questão, será discutido com os alunos os principais temas a serem abordados, escolhidos para que possam participar na produção da ementa a ser aplicada.

Foi realizado a leitura por meio de seminário com as turmas das obras eleitas como as mais representativas. Entende-se que será necessário um momento de introdução ou mesmo contextualização dos temas, por parte do professor. Também será utilizado nesse momento de introdução entrevistas e documentários. No momento de finalização das atividades foi organizado um encontro das diferentes turmas do terceiro ano para partilha das leituras e experiências sobre a atividade.

E por fim, a disposição dos capítulos durante a elaboração da dissertação ficou o capítulo 1 é a parte da análise dos manuais didáticos, o capítulo 2, teórico, com análise das principais produções artigos, dissertações, livros e teses e o capítulo 3, o desenvolvimento da elaboração do produto final.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: AS QUESTÕES QUE ENVOLVEM A PRESENÇA DE ENGELS NO LEGADO DEIXADO POR MARX

A fundamentação teórica que envolve esse trabalho perpassa a tradição do pensamento de Marx e todas as suas variantes e seus inúmeros representantes quando temos acesso a determinadas divisões daqueles que se propuseram a estudar as obras de Marx e Engels e suas principais teses. Existem divisões que tratam como vulgar, moderados e ortodoxos os autores que, de alguma forma, interpretam e aceitam ou não algumas máximas dos autores aqui em questão.

A obra máxima de Karl Marx, *O capital*, é a principal inspiração em torno dessas discussões a partir da publicação do livro primeiro em 1867. Engels faz parte desse enredo quando em determinado momento, após a morte de Marx, em 1883, revê alguns dos pressupostos que nunca haviam sido assumidos pelos dois em suas obras.

A exposição da luta de classes e de toda violência contida no processo que fez surgir a classe trabalhadora a partir do fim dos feudos e sua mudança para as cidades no início de processo de desenvolvimento no primórdio do capitalismo e fornecer a principal mercadoria que alimenta a exploração da classe trabalhadora: a mão de obra, única forma de sobrevivência do trabalhador no regime capitalista. Todas as mercadorias produzidas carregam essa violência, mas de todas as formas são intencionalmente escondidas.

Essa forma em que está exposta em *O Capital* a condição da classe trabalhadora expropriada, alienada não tem sido a forma desenvolvida por muitos autores chamados de marxistas, que acabam por ter uma visão sociológica das obras de Marx. O que aconteceu? Quais pressupostos levam a esse entendimento de separação do autor e sua obra?

O pressuposto envolve Engels, o parceiro intelectual de Marx até sua morte e suas relações com a social democracia alemã e seus representantes que na luta por acesso à política desenvolveram ideias com apoio de Engels, no contexto dos conflitos que envolviam as potências europeias.

A forma de exposição contida em *O Capital* é abandonada, esquecida. Apresentam-se soluções que nunca foram desenvolvidas e que somente buscam esconder, deixar latente a luta de classes chegando a afirmar que seria possível a revolução a partir do quantitativo de votos alcançados pelos partidos que representavam a classe trabalhadora no modelo burguês, na forma burguesa de fazer

política em que o Estado não tem autonomia e que os meios de produção estão na mão da classe dominante. Como se num passe de mágica a expropriação, a mais valia, fosse abandonada pelos patrões, pelos capitalistas.

O desenrolar da revolução russa, principalmente após a morte de Lenin e as perseguições dos principais dirigentes e intelectuais que formaram o partido bolchevique, pois, após a morte de Lenin (1870-1924) e a derrota de Trotsky (1879-1940), que assumiam as teses de 1848 de Marx e Engels, e a tomada de poder por parte de Joseph Stalin (1879-1953), evidencia essa guinada com um Estado autoritário e controlador e não o fim do Estado, de acordo o pensamento de Marx e uma sociedade democrática e não um regime policial. Muitos teóricos soviéticos seguiam a tradição iniciada em Engels (MACHADO, 2016).

Essa tradição cunhou termos como materialismo dialético, atribuídos a Marx, mas que não aparecem em *O Capital* ou em outras obras importantes. A dialética como uma simples forma de organização do pensamento e não como a superação da forma social. Essa tradição é atribuída a Engels, que acaba por influenciar os pensadores chamados de marxistas que trabalham as mais diferentes questões, fugindo e descaracterizando a obra de Marx.

Diante do exposto, os problemas de entendimento do pensamento de Marx e seu método contido na sua forma de exposição dialética em *O Capital*, sua obra máxima, acabam por ser reproduzidos nos manuais didáticos de Filosofia. Também é possível problematizar que existe um elemento objetivo, intencional nesse fato da limitação da presença da temática nos livros ser insuficiente e limitado, afinal não é do interesse da classe dominante que a classe trabalhadora, revolucionária desde a sua gênese, tenha acesso a essa produção de tamanha importância histórica e social, que fundamenta a superação da forma capitalista.

A ideia aqui presente é que a forma de expor o pensamento de Marx nos livros é fruto de uma longa tradição de interpretação que começou pelas leituras ideológicas do livros e panfletos publicados por Engels e da própria incompreensão do trabalho de Marx da maturidade, essa abordagem sociológica, isenta apenas como um conjunto de ideias, e não como um livro dialético, isto é, um livro cuja a expressão é o desenvolvimento das categorias negativas do capital, uma tradição que carrega um entendimento que em muito se distanciou da forma que Karl Marx construiu sua obra e de seus objetivos.

## 2.1 Desdobramentos da Resposta ao Sr.Duhring

*“Se o marxismo é isto, eu não sou marxista”  
(MUSSE, 1999)*

Os textos aqui analisados tratam das questões sobre o desenvolvimento das ideias de Engels no contexto das lutas políticas na Europa do século XIX, o surgimento do Sr. Duhring e suas ideias reformistas expostas como uma mescla de tudo que havia sido produzido até aquele momento sobre o socialismo, como vemos abaixo as produções com esse objetivo:

Os seus breves compêndios de marxismo, sobretudo *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*, deveriam tornar acessível o conteúdo desse *corpus* teórico aos membros dos novos partidos socialistas de massa. E, com efeito, nesse período, os teóricos e dirigentes dos movimentos socialistas dedicaram grande atenção à elaboração de compêndios populares análogos da doutrina de Marx. Assim, por exemplo, Deville na França, Cafiero na Itália, Aveling (HOBSBAWM, 1982, p. 427-428).

O texto procura expor as discussões que envolvem a obra anti-Duhring que, de acordo com Engels, é uma produção em resposta aos escritos do Sr. Duhring, que se nomeia o representante da Partido Social Democrata alemão e reformista do socialismo. Essa obra torna-se referência para o movimento dos trabalhadores mesmo não tendo nascido por esse viés, mas como uma resposta à conjuntura política e aos mais variados charlatões teóricos do movimento dos trabalhadores.

É importante destacar também o projeto que Engels tem de fazer um novo prefácio para as obras de Marx e a dele. Vários panfletos e/ou artigos são publicados nas principais revistas e anuários socialistas da época e partes deles acabam adaptados para livros posteriormente (HOBSBAWN, 1982).

O anti-Duhring foi uma obra publicada em partes, na verdade era uma série de artigos que foram reunidos no título Anti-Duhring pela Partido Social Democrata alemão no *Vorwärts*<sup>3</sup>, a partir de 3 de janeiro de 1877, finalizando em maio de 1878. A obra ocupa uma lacuna da base marxista naquele momento, caracterizada principalmente pela disputa em torno do Programa de Gotha (PEREIRA, [2006]), o que já era uma crítica à base teórica da Partido Social Democrata alemão, em 1875. A confusão e o

---

<sup>3</sup> Várias polêmicas marcaram os mais de 100 anos da publicação do Partido Social Democrata, lançada em Leipzig, no ano de 1876. Em 1922, chegou a ter duas edições diárias, com 300 mil exemplares. Onze anos mais tarde, Hitler proibiu sua publicação. A resistência ainda tentou prosseguir com o *Neuer Vorwärts* no exílio, em Paris e Praga, mas pouco tempo depois foi obrigada a desistir. (<https://www.dw.com/pt-br/1989-seman%C3%A1rio-social-democrata-vorw%C3%A4rts-deixa-de-circular/a-800112>).

emaranhado de ideias e projetos tinham origem até na literatura burguesa:

Se Marx e Engels estavam insatisfeitos com Liebknecht por causa do acordo feitos com os Lassaleanos em matéria de programa e tática, era porque eles superestimaram a compreensão do marxismo pelos Eisenachianos, isto é, nas fileiras do partido que se considerava marxista, se tomarmos o órgão central da social democracia, mesmo depois da unificação, não encontraremos mais que um socialismo incrivelmente confuso, quase vulgar (RIAZANOV, 1928, p. 2).

O texto continua trazendo a discussão de como a Partido Social Democrata alemão estava se orientando e quem ou qual grupo se denominava os reformistas do socialismo Liebknecht, Gota, Most, Fritsch, e Bebel que em diversos momentos expressavam oposição ao artigo de Engels ao senhor Durhing.

Engels em cartas trocadas com Marx expõe toda sua dificuldade em responder a obra, sistema do Sr. Duhring, que na visão de seus adoradores e simpatizantes ocupava um espaço deixado pela obra de Marx, sobretudo em *O Capital* por ser inacessível. Engels não estava produzindo o escopo teórico, mas apenas respondendo à tentativa vazia de produção um sistema filosófico para o socialismo.

Fica evidente que a necessidade de responder ao modelo científico burguês e de promover a dialética como método de pesquisa aos mesmos moldes, levou Engels a cair em uma armadilha teórica, pois, sua crítica afirma que “charlatões”<sup>4</sup> querem tratar de todos os assuntos como grandes pensadores mas que de fato são limitados, sendo incoerentes e imprecisos.

Engels acaba por criticar a mescla de ideias que nesse momento, segundo ele, não só o sr. Duhring se propõe a realizar e disseminar pela Alemanha e pela Europa, seguindo suas próprias palavras,

Era, pois, natural e inevitável que surgisse uma espécie de socialismo eclético e, com efeito, a maior parte dos operários socialistas da França e da Inglaterra têm, nos cérebros, uma mistura pitoresca que admite, aliás, toda uma série de matizes, na qual se fundem os princípios econômicos, as expansões críticas e as representações ociais do futuro, dos diversos fundadores de seitas. Essa mescla é tanto mais fácil de ser composta quanto mais depressa os ingredientes individuais vão perdendo, no curso das discussões, seus contornos agudos e concretos, como se fossem pedras aplainadas pela corrente do rio. Assim, para converter o socialismo numa ciência, só era possível situando-o no terreno da realidade (ENGELS, 2015, p. 34-35).

Ademais, é possível verificar que parte da imprensa socialista se pôs a dar boas-vindas ao novo apóstolo, com um entusiasmo que não era unicamente com descendência, mas deixava transparecer alguma inclinação para acolher, sem

---

<sup>4</sup> Aqui Engels se refere claramente à pretensão do Sr. Duhring de criar um sistema filosófico que tivesse abrangência em diversos assuntos, aliás, segundo ele, naquele momento na Alemanha qualquer estudante de Filosofia havia desenvolvido essa mesma vontade.

reservas, o sr. Duhring. Existiam mesmo pessoas que já se julgaram no dever de difundir a doutrina entre os trabalhadores (ENGELS, 2015, p. 12).

Engels (2015) apresenta preocupações centrais na obra, como examinar os meios pelos quais se desenvolveu o conhecimento humano, pondo em destaque, com grande clareza, as diferenças entre a dialética e a metafísica. Engels busca demonstrar que a representação exata do universo, a de seu desenvolvimento e a da evolução humana, bem como a representação do reflexo desse desenvolvimento no cérebro dos homens, só pode ser conseguida por meio da dialética. Na parte dedicada à Filosofia, Engels, criticando a filosofia de Duhring, aponta, com grande soma de material histórico e científico-naturalista, a razão e a vitalidade da filosofia marxista.

Durante o percurso da leitura, Engels se mostra preocupado em reagir às transformações da ciência burguesa e todas suas conquistas e promover o método dialético ao mesmo patamar científico e torná-lo o método da revolução do proletariado. Busca evidenciar todo desenvolvimento da ciência moderna e suas transformações, que atingem direto o capitalismo e sua promessa de reinado da razão, da igualdade e, por consequência, uma sociedade igualitária. Para Engels, toda mudança era com um único objetivo, como vemos na citação abaixo:

Sabemos hoje que esse reinado da razão era apenas o reinado idealizado pela burguesia, a justiça eterna corporificou-se na justiça burguesa, a igualdade reduziu-se à burguesa igualdade perante a lei; os direitos essenciais dos homens proclamados pelos racionalistas tinham, como representante, a sociedade burguesa, e o estado da razão, o contrato social de Rousseau, ajustou-se, como de fato só podia ter-se ajustado, à realidade, convertido numa república democrático-burguesa (ENGELS, 2015, p. 18).

Engels comenta, que durante os séculos XVII e XVIII, período das grandes transformações sociais na Europa, surgem as primeiras manifestações das sociedades ideais, comunistas como Morelly e Mably como contradição da própria estrutura capitalista. Simon surge como o primeiro utópico e, mais adiante, Fourier e Owen como fruto das relações entre os trabalhadores e seus patrões, nos países com maior desenvolvimento econômico. Fruto de uma confusão, por não ter claro o papel a ser desempenhado, trabalham de forma a emancipar toda sociedade capitalista e eliminar as contradições não apenas a classe oprimida, a classe trabalhadora. Tornando impossível essa conciliação (ENGELS, 2015).

A grande descoberta foi aterradora, pois, o que fora prometido por meio da grande revolução, *Liberté, Egalité, Fraternité ou la morte*, era apenas um jogo ideológico e tudo mantinha as velhas formas também presente no feudalismo. E que o

modelo social vigente não daria conta desses ideais. A única saída era a promoção de uma síntese entre uma nova possibilidade e o que estava em curso.

Esse processo tem relação direta com as revoluções liberais do século XVIII em dois aspectos do ponto de vista intelectual e da contradição da forma capitalista em pleno processo de desenvolvimento. Hegel é uma figura central por inserção da dialética como método de pensamento máximo em sua filosofia ou sistema filosófico.

Em um período dominado pela influência do pensamento metafísico, principalmente a partir dos pensadores ingleses, Hegel ganha grande importância para a análise engelsiana.

Após a problematização feita acima, Engels retoma sua exposição histórica sobre o desenvolvimento do método científico, desde os gregos para chegar à crítica ao período moderno, de acordo com o filósofo, a metafísica se faz plena como método e nega a possibilidade da análise dialética.

De acordo com Engels, o Sr. Duhring usa ao partir do seu entendimento limitado os autores clássicos de forma fragmentada e retira o que lhe convém (ENGELS, 2015, p. 61), podemos citar aqui o caso de Kant:

Mas acontece que Kant não considera, de modo algum, a tese sobre o tempo e o espaço como fica evidente em seus escritos. Ao contrário, na página seguinte, sustenta e prova que o mundo não tem começo no tempo, nem limite no espaço e justamente nisso é que reside a antinomia, a contradição irreduzível, seguindo a qual podemos provar tanto uma tese como sua contrária. Talvez pessoas de menor alcance encontrassem motivos para reflexão no fato de “um Kant”, acho nisso uma dificuldade insolúvel, nunca porém, o nosso audacioso fabricante de resultados e de teorias essencialmente originais, o que lhe pode servir na antinomia de Kant, ele o copia sem pestanejar pondo o resto de lado (ENGELS, 2015, p. 61).

O mais contraditório é que a crítica que Engels faz a determinadas produções acaba por caracterizar sua obra com a mesma imprecisão, obscuridade, falta de clareza teórica ao objetivo de dar uma resposta ao modelo burguês científico e seus representantes clássicos, a necessidade de uma abrangência universal nos temas acaba por trair sua capacidade de julgar e dominar tantos assuntos. Clareza presente na forma de Marx escrever assumida pelo próprio Engels, afirmando que seu parceiro intelectual se encontra em outro nível:

Claro que é verdade que muita coisa que sabemos e que nos desperta o interesse sobre Friedrich Engels se deve à sua colaboração com Karl Marx, uma parceria em que o devotado Engels sempre teve o cuidado de se colocar como o segundo violino, Marx era um gênio; nós outros éramos talentoso, no máximo. Sem ele, a teoria não seria nem de longe o que é hoje. Por isso é mais que justo ela ter seu nome, anunciou ele conclusivamente depois da morte do amigo (ENGELS apud HUNT, 2010).

## 2.2 O último Engels e seu legado

Marx morreu em 1883 com um indiscutível legado de contribuição nos estudos sobre o desvelamento das relações no capitalismo e, também, na exposição de seu método em suas obras de seu programa revolucionário, o itinerário da classe trabalhadora para o rompimento dos grilhões e a tomada do poder. É fato também que sua obra máxima, *O capital*, não foi concluída ou precisou ser reorganizada<sup>5</sup> pouco antes de sua morte.

Engels, a partir da morte de Marx, se torna o signatário de toda sua obra e seu legado para possíveis publicações ou mesmo da organização do material ainda sem conhecimento do público. Uma série de questões surgem a partir desse fato relacionado com a continuidade da obra de Marx.

Engels morre em 1895, doze anos depois da morte de Marx, período conhecido como “o último Engels”, de acordo com Ricardo Musse (1999), em seu artigo intitulado *Sistema e método no último Engels*. Foi exatamente nesse período que Engels conseguiu desenvolver, de forma plena, sua obra e seus escritos dos mais diferentes assuntos, seja por necessidade de promover respostas aos reformistas e reacionários ou por independência acadêmica, uma vez que seu parceiro de uma vida já não estava mais presente.

Engels teve mais de uma década para promover suas reflexões de acordo com o contexto e as transformações no campo político e econômico na Europa. Tempo suficiente para que a forma de exposição em Marx acabasse por ser substituída por uma forma positiva, uma metafísica da revolução.

De acordo com Musse (1999), uma série de questões implicam nesse processo de abandono, da forma de exposição dialética presente em *O Capital*, de Marx, por parte do legado de Engels, como é possível conferir no trecho abaixo:

A facilidade com que se podia recorrer diretamente a um dos cofundadores do materialismo histórico num período decisivo para a consolidação do marxismo enquanto doutrina unitária e como corrente homogênea no movimento operário, somada à divisão de trabalho que atribuirá a Engels, durante o último período da vida de Marx a tarefa de orientação e acompanhamento dos partidos operários então em processo de formação, contribuiu para que, nos últimos 15

---

<sup>5</sup> Jadir Antunes, defende que Marx promove uma reorganização do “Capital” e não que a mesma fica por ser finalizada. Consulte “O Problema da Crise Capitalista em O Capital de Marx” de Hector Benoit & Jadir Antunes - Parte I, disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=jl92srz\\_PXw](https://www.youtube.com/watch?v=jl92srz_PXw). Acesso em: 10 set. 2018.

anos do século XIX sua influência intelectual e a sua importância teórica rivalizassem e até mesmo, em certos casos, sobrepujassem a do próprio Marx (MUSSE, 1999, p. 87).

Fica evidente, diante do exposto, que Engels tomará um caminho sem volta, afastando-se dos escritos de sua juventude. Enfrentando os temas mais diversos, distanciando-se de sua origem de trabalho, a qual tinha enquanto Marx estava vivo. O acesso ao desenvolvimento do marxismo se deu em muito maior proporção aos textos de Engels do que pelo contato da obra de Marx, como vemos abaixo:

Em segundo lugar, foi apreendida a publicação sistemática de uma parte consistente da obra dos clássicos na língua original, por iniciativa sobretudo de Engels. Esse trabalho consistia em: a) reedições (geralmente com novas introduções) de obras há muito esgotadas; desse modo, Engels pretendia sublinhar a perdurabilidade da sua importância; b) publicação de obras que Marx deixara inéditas ou incompletas; c) novos escritos de Engels, que por vezes incorporavam importantes textos inéditos de Marx (como as *Teses sobre Feuerbach*), nos quais Engels se propunha a fornecer um quadro coerente e completo da doutrina marxiana. No primeiro caso, portanto, Engels republicou em forma de opúsculo os artigos de Marx sobre *Trabalho Assalariado e Capital* (1847-1884), a *Miséria da Filosofia* (1847-1884), o *18 Brumário* (1885), *A Guerra Civil na França* (1891); e, finalmente, em 1895, *As Lutas de Classe na França*, além de sua própria *A Situação da Classe Operária na Inglaterra* (1887), bem como algumas reedições de diversos escritos seus dos anos 70. No segundo caso, as principais obras difundidas foram o Livro II e o Livro III de *O Capital* (1885 e 1894) e *A Crítica ao Programa de Gotha* (1891). No terceiro caso, as obras principais foram - além do *Anti-Dühring* e *Do Socialismo Utopico ao Socialismo Científico* (uma edição reduzida do *Anti-Dühring*, que conheceu um número bastante elevado de reedições) - *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* (1884) e *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã* (1886); a essas se acrescentaram numerosas contribuições ao debate político contingente. Com exceção de *Do Socialismo Utopico ao Socialismo Científico*, essas edições - embora não tenham conhecido tiragens elevadas - foram colocadas à disposição de um público razoavelmente amplo; e, a partir de então, continuaram sempre disponíveis. Elas constituem a parte principal do que Engels considerava o *corpus* dos escritos seus e de Marx, embora - se tivesse vivido mais tempo - talvez houvesse acrescentado alguns outros textos, como é o caso das *Teorias sobre a Mais-Valia*, que foram depois publicadas aos cuidados de Kautsky, e uma versão revista de *A Guerra dos Camponeses*, que ele mesmo tinha esperança de conseguir publicar. Com algumas exceções, como a dos escritos originariamente publicados em inglês (alguns dos quais foram republicados por Eleanor Marx, pouco tempo após a morte de Engels), foi esse o material posto à disposição do movimento marxista internacional em fins do século XIX, levando-se em conta também as traduções. Era o fruto de uma escolha, e em certa medida de uma compilação, realizada por Engels. Assim, *O Capital* nos chegou não como Marx o desejado, mas como Engels pensava que ele teria querido se sabe, os últimos três volumes foram organizados por Engels depois por Kautsky sobre a base de redações incompletas deixadas por Marx. Todavia, até mesmo o Livro I é um texto acabado por Engels e não por Marx, na medida em que a versão *standard*- (a quarta edição alemã de 1890) foi modificada por Engels à luz da última edição (a segunda) revista por Marx, das ulteriores modificações feitas por Marx para a edição francesa de 1872-1875, de algumas anotações manuscritas e de algumas considerações técnicas de importância secundária. (Com efeito, também a segunda edição preparada por Marx, em 1872, compreendia substanciais reelaborações de algumas seções da primeira edição, de 1867) (HOBSBAWM, 1982, p. 425-427).

Já no prefácio do anti-Duhring, Engels indica ter conseguido expor o método materialista histórico dialético, apesar de não ser seu objetivo principal de forma mais ou menos desenvolvida por ele e por Marx nas suas próprias palavras (Engels, 1875), dando indícios claros da versão científica do método dialético presente no anti-Duhring.

É evidente aí a vontade de romper com o método e os procedimentos do passado, corporificados principalmente nos textos de juventude. O tom polêmico, a negatividade e a crítica imanente que os caracterizam, e que ainda então, de certo modo, presentes no Anti-Duhring, serão doravante, cada vez mais, substituídos pela exposição positiva, por uma apresentação sistemática e ordenada nas ideias, de preferência em uma linguagem mais acessível (MUSSE, 1999, p. 90).

Essa discussão entre método e sistema levam Engels a abordagens no contexto das descobertas científicas, a uma exposição histórica da natureza e à busca por elementos que caracterizassem esse fato. Uma sistematização das descobertas científicas. Ao contrário de Marx, que faz uma crítica à economia política, Engels buscava elementos na ciência positiva e sistemática para os fenômenos sociais. E por fim toda essa tradição aqui citada influenciará uma geração de pensadores familiarizados com o método que Engels construir sua obra,

A primazia concedida aqui ao encadeamento enciclopédico em detrimento da crítica, acrescida dos resultados obtidos nos domínios da história e da tradição intelectual, consolida o esforço do último Engels no sentido de compreender o marxismo como um sistema orientado por um conhecimento unificado no homem e na natureza. Essa positividade, marca registrada do socialismo científico, é tributária de uma desconsideração tanto em relação ao modo de funcionamento interno das diversas ciências, quanto dos resultados da ação humana diante da natureza a famigerada práxis social – e suas implicações para o processo científico. Como em sua época, ninguém sabia disso tão bem quanto Engels, tal despreocupação, que não deriva propriamente de um desconhecimento do andamento das ciências, atesta uma quase limitada confiança no potencial libertador da expansão das forças produtivas, ou melhor, a crença de que o avanço do conhecimento nas ciências naturais e o subsequente desenvolvimento das condições materiais apontava para a emancipação do proletariado (MUSSE, 1999, p. 97).

Os trabalhos do último Engels acabam por formar uma linha de produção filosófica que rompe em grande parte tradição que envolve Marx e sua exposição do método dialético. Esse distanciamento, como já apresentado, acontece após a morte de Marx, e por Engels assumir o papel de comandante da nau socialista e todo seu peso em partilhar uma vida de produções e luta política com a classe trabalhadora.

Fica evidente que Engels percebeu a necessidade de explorar outros temas e áreas que até então Marx não abordava, até porque existia uma divisão de estudos entre os dois. Cada um era responsável por determinados assuntos. Diante disso,

Engels acaba por, inevitavelmente, descaracterizar sua forma de exposição, além de ter assumido a diferença de capacidade entre ele e Marx, o que expõe certa limitação do método (HUNT, 2010)<sup>6</sup>.

Aproveitando-se disso, determinados grupos ligados à Partido Social Democrata alemão e, mais tarde, de forma incisiva o Stalinismo, promove modificações e direcionamentos de acordo com o interesse ligados à União Soviética (URSS) e distorções que precisam ser fundamentadas (MACHADO, 2016).

Vale ressaltar uma questão pertinente à causa de uma possível modificação ou direcionamento dos textos de Engels e não de Marx? Marx já tinha sua obra consolidada para tamanha descaracterização da sua teoria e pelo foco, pelo direcionamento das suas análises e por sua abordagem. Já Engels passou a encarar, enfrentar ainda nas áreas distintas e pouco exploradas (natureza e ciência) ao que parece a necessidade ou objetivo de promover a ideia de um sistema abrangente, criou a oportunidade para a Partido Social Democrata alemão, principalmente, o Stalinismo precisava se adequar e fundamentar suas práticas políticas ideológicas.

A partir do início do século XX, toda produção do marxismo acaba por ser influenciada por esse contexto e, por consequência, seguindo tais determinações presentes na obra o anti-Duhring e outras obras que formam um conjunto de textos a serem analisados em outro momento de estudo que aprofundam a discussão de método e sistema e concepção teórica por parte desse mesmo autor.

### **2.3 Aspectos conclusivos**

Diante das leituras realizadas de artigos e trechos de obras sobre o papel de Engels na difusão do pensamento marxista ao longo dos 12 anos após a morte de Marx, é sim determinante, pois, ocorre um distanciamento da forma que a abordagem é realizada, a perspectiva universal da sua obra e dos seus conceitos.

Mais uma das questões que circundam toda essa discussão é: qual influência de Engels? Ou ainda, foi intencional descaracterizar aquilo que já havia sido produzido com Marx em outros momentos de suas produções? Mediante questões tão relevantes em uma obra tão vasta, cabe aqui assumir a limitação da nossa pesquisa, com tantos

---

<sup>6</sup> Claro que é verdade que muita coisa que sabemos e que nos desperta o interesse sobre Friedrich Engels se deve à sua colaboração com Karl Marx, uma parceria em que o devotado Engels sempre teve o cuidado de se colocar como o segundo violino, “Marx era um gênio; nós outros éramos talentosos, no máximo. Sem ele, a teoria não seria nem de longe o que é hoje. Por isso é mais que justo ela ter o seu nome” anunciou ele conclusivamente depois da morte do amigo (HUNT, 2010, p. 16).

elementos ainda a ser elucidados e obras a serem analisadas.

No entanto, levantamos elementos suficientes que nos fazem concluir que o contexto dos acontecimentos, da luta política, do anseio por oferecer respostas a tantas transformações na sociedade industrial nas relações de trabalho um terreno fértil para quem via tudo aquilo acontecendo diante dos seus olhos<sup>7</sup> e que, inevitavelmente, cometeria erros tanto de análise na luta de classes, na tomada do poder, quanto na necessidade de abranger tamanha gama de assuntos.

A pressão por análise dos fatos por parte da Partido Social Democrata alemão organização política atuante como elo de toda luta europeia nos diferentes países, fez com Engels também vagasse por caminhos desconhecidos e inseguros até então. Além de ser bem possível que um certo grau de independência e, até mesmo de orgulho, tenha feito Engels repensar questões já alinhadas com Marx, afinal ele era o legítimo herdeiro de todo legado teórico e poderia ter o direito de agir assim.

Dessa forma, Engels virou a referência das lutas no contexto social, até pelo tempo de atuação frente aos sindicatos, partidos e organizações políticas do período. O que se acentuou após sua morte, uma vez que suas obras orientam as lutas e posicionamentos, e, apesar da publicação de *O Capital*, de Marx pelo próprio Engels. Com a morte de Engels, os escritos originais de *O Capital* ficam como herança para a Partido Social Democrata alemão, que o esconde, restringindo o acesso, aumentando a dificuldade da leitura por parte da classe trabalhadora. Além das obras de Engels fazerem sucesso entre as organizações dos trabalhadores, textos de autores ligados a essas organizações são muito mais lidos e utilizados do que o próprio Marx nos diversos países europeus como temos abaixo:

Os seus breves compêndios de marxismo, sobretudo *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*, deveriam tornar acessível o conteúdo desse *corpus* teórico aos membros dos novos partidos socialistas de massa. E, com efeito, nesse período, os teóricos e dirigentes dos movimentos socialistas dedicaram grande atenção à elaboração de compêndios populares análogos da doutrina de Marx. Assim, por exemplo, Deville na França, Cafiero na Itália, Aveling na Inglaterra, redigiram compêndios de *O Capital*, enquanto Kautsky publicava as suas *Doutrinas Econômicas de Karl Marx*. Esses são apenas alguns exemplos de obras desse tipo. Com efeito grande parte do esforço educativo e propagandístico dos novos movimentos socialistas dirigiu-se para a produção e difusão de obras desse gênero mais do que para a edição das obras escritas pessoalmente por Marx e Engels. Na Alemanha, por exemplo, a tiragem média das edições do *Manifesto* antes de 1905 era de apenas 2 000 ou, no máximo

---

<sup>7</sup> A parágrafo se refere aos acontecimentos no campo da Ciência, do desenvolvimento tecnológico das transformações na esfera da produção de fatos para Engels, que serviam de elementos importantes para compreensão teórica e os rumos que o capitalismo iria tomar. E quais seriam as possíveis ações da classe trabalhadora nesse contexto.

3.000 exemplares; só mais tarde é que houve um aumento. Para fazer apenas uma comparação, a *Revolução Social de Kaustsky (parte I)* teve uma tiragem de 7000 exemplares em 1903 e de 21.500 em 1905. *Cristianismo e Socialismo*, de Bebel, vendeu 37 000 mil exemplares entre 1898 e 1902 seguido por uma outra edição de 20 000 exemplares em 1903, enquanto o *Programa de Erfurt do Partido* (1891) foi distribuído em 120.000 exemplares. Isso não significa que o *corpus* dos escritos clássicos agora disponíveis não fosse lido pelos socialistas inclinados à reflexão teórica. Ele foi rapidamente traduzido em várias línguas. Assim, na Itália - um país no qual o interesse pelo marxismo foi incomumente vivo entre os intelectuais nos anos 90 - já havia sido editado na prática, por volta de 1900, todo o *corpus* tal como fora selecionado por Engels (com a exceção dos últimos volumes de *O Capital*) e os *Escritos* de Marx, Engels e Lassalle, editados por Ciccotti a partir de 1899, compreendia ademais numerosas outras obras. Até cerca de 1935, muito pouco foi acrescentado em língua inglesa ao corpo de escritos clássicos que fora traduzido em 1913, frequentemente de modo apenas aproximativo, sobretudo pelo editor Charles H. Kerr de Chicago. Entre os que alimentavam fortes interesses teóricos (ou seja, entre os intelectuais da Europa Central e Oriental, e parcialmente também entre os italianos, sobre os quais o marxismo exercia uma grande atração), era particularmente viva a solicitação dos outros escritos de Marx e de Engels. O Partido Social- Democrata Alemão, que possuía o *Nachlass* literário dos fundadores, não fez nenhuma tentativa de publicar suas obras completas; e é mesmo possível que julgasse contraproducente a publicação ou a reedição de algumas de suas observações mais virulentas e ofensivas, ou de escritos políticos que conservavam um interesse puramente contingente (HOBSEBAWM, 1982, p. 427-428).

### 3 MANUAL DIDÁTICO – UM BREVE HISTÓRICO<sup>8</sup>

As discussões em torno do manual didático despertaram muitas pesquisas e produções ao longo dos tempos. No contexto da educação brasileira está sempre em evidência a necessidade de oferecer o material didático aos estudantes das escolas públicas de ensino básico. De acordo com exposição da Professora Silvia Brito, podemos constatar a importância da temática:

Essas questões, que atestam a importância e a atualidade das discussões acerca do manual didático, evidenciam a relevância do livro que ora temos em mãos. Relevância que ganha ainda mais destaque quando as preocupações de Maria Lucia Paniago, declaradas já na introdução do trabalho, priorizam a abordagem que analisa o manual didático na sua condição de instrumento de trabalho. Isto significa ver este instrumento do trabalho didático em sua historicidade, enquanto produto de relações sociais determinadas, inserindo-o no processo de constituição da própria sociedade capitalista (BRITO apud PANIAGO, 2013).

Qual é o real impacto desse material nas mãos de nossos estudantes? Ter o material é um meio de promover uma formação de qualidade, mais adequada e democrática? Ou serve apenas para um direcionamento ideológico? Vale ainda considerar o fato do Estado brasileiro ser um dos maiores consumidores de livros<sup>9</sup> e a política do livro nacional didático ser somente mais uma máscara para grandes interesses escusos? Pode ser apenas especulação, mas é preciso incitar a reflexão uma vez que podemos constatar que os valores gastos nesse programa são vultuosos<sup>1410</sup>, sendo possível conferir nos sites de informações oficiais e públicas do Ministério da Educação (MEC). Mediante à inserção dos meios midiáticos na educação como ferramentas que auxiliam o processo educacional, qual é a validade do livro impresso? São questões que precisam ser consideradas, uma vez que o PNLD (Plano Nacional do Livro Didático) é desenvolvido com recursos públicos.

São questionamentos importantes para pesquisadores da área que circundam o cenário educacional, do qual nossa pesquisa faz parte, porém não é o foco central nesse momento. Mas ao adotarmos um olhar crítico, característico da própria Filosofia, se fazem oportunas e presentes problematizações pontuais a respeito do tema.

---

<sup>8</sup> Vale ressaltar que não se tem a pretensão de abordar todas as possibilidades de um tema tão denso e complexo, mas apenas realizar uma contextualização da educação envolvendo a questão brasileira no âmbito de nosso trabalho que está sendo desenvolvido.

<sup>9</sup> Disponível <http://www.abrelivros.org.br/home/index.php/noticias/911-mec-e-o-maior-comprador-de-livros-do-mundo>. Acesso em: 18 jul. 2018.

### 3.1 O Início

O livro didático é filho do Renascimento e de todo o processo que teve por objetivo deixar para trás os valores medievais, tanto do ponto de vista social quanto da organização das cidades, modelo econômico e acesso às instituições educacionais. A maioria da população era analfabeta nesse período, estando sob tutela exclusiva da Igreja o acesso ao processo educacional, em seus conventos trancafiados. Porém, Cagliari (1998, p. 19) explica que “com o Renascimento (séc. XV e XVI) o uso da imprensa na Europa e a preocupação com leitores aumentou”, é provável que essa situação tenha sido oportunizada por Johannes Gutenberg, que inventou a imprensa, pois essa divulgação editada de obras colocaria um fim aos escribas da Igreja, que monopolizavam a escrita e a transmissão do conhecimento.

Ainda nesse período, as pessoas alfabetizadas restringiam-se à elite e membros do clero, pois o processo de alfabetização ainda era bastante custoso. Porém, não era apenas uma questão monetária, uma vez que os burgueses, por exemplo, frequentavam as escolas não somente para aprender a ler e escrever, mas para ter um preparo maior para ascensão, liderando, administrando e subordinando os demais.

Os primeiros manuais escolares surgem nesse período. O pensador e reformador religioso Jan Hus escreveu e editou um dos primeiros manuais escolares, conhecido como “O ABC de Hus”. O livro consistia na apresentação de uma ortografia padrão, com frases religiosas que iniciavam com letras diferentes, a obra era voltada para a alfabetização do povo. Vale lembrar que Hus foi um dos precursores da reforma protestante, sendo excomungado pela Igreja e condenado pelo Concílio de Constança, vindo a ser queimado vivo.

Na Alemanha, em 1525, uma cartilha intitulada *Bokeschen vor leven ond kind* é editada, contendo o alfabeto, Os Dez Mandamentos, orações e algarismos. Em 1527, Valentin Ickelsamer, em uma obra semelhante, edita uma cartilha com as primeiras gravuras que se tem notícias (BAIRRO; SHELP, 2009).

As transformações, não só nas ideias, mas no campo das invenções e mudanças que antecipavam todo processo produtivo, também contribuía para que as pessoas, diante de tantas mudanças, tivessem acesso ao processo educacional, pois, posteriormente ele seria essencial no contexto das transformações e no surgimento da sociedade industrial.

Nesse contexto, a situação educacional da população europeia era caótica, uma

vez que a maioria não era alfabetizada. Para reverter esse quadro as tabuletas com alfabeto foram utilizadas, e a partir de então considera-se que foram elas o material mais próximo do conceito de cartilhas, surgidas somente no século XV, depois da invenção da imprensa, por Gutenberg em 1455, que posteriormente, já na modernidade transformaram-se em livros didáticos. O aparecimento da imprensa barateou a edição de livros, ampliando o número de leitores e a demanda pela alfabetização.

Esse foi o incentivo que multiplicou novos métodos de letramento, tal como o criado por Comenius, em 1655, no qual as palavras eram apresentadas associadas a uma representação gráfica, uma imagem. Foi dentro desse espírito que surgiu por exemplo, o primeiro caderno de caligrafia, pensado pelo italiano Lodovico Arrighi (MANACORDA, 2012).

É bom lembrar que durante a Idade Média, o livro foi praticamente uma exclusividade da Igreja Católica, na Europa. Os mosteiros eram guardiões do saber, possuindo em seu interior bibliotecas com livros copiados à mão e ricamente ornamentados com iluminuras. A imprensa conseguiu quebrar este monopólio, mas antes de sua invenção, a dificuldade de acesso aos livros restringiu a alfabetização a uns poucos elementos da nobreza e do clero.

Os centros educacionais eram católicos e restritos àqueles que queriam seguir a carreira eclesiástica, ou tinham sido compelidos pela família. Dentro do contexto medieval, somente o filho homem mais velho herdava o título de nobreza e os bens do pai, aos irmãos mais novos restava procurar aventuras como cavaleiro errante ou entrar para a vida religiosa.

A vida eclesiástica era praticamente a única oportunidade de ser alfabetizado, o que justifica o analfabetismo na imensa maioria da população da época, incluindo camponeses e nobres. Existem documentos que dão conta que, mesmo com a chegada da modernidade, quando começaram a se formar os primeiros Estados Nacionais, mesmo os reis eram analfabetos. Esses reis mantinham bibliotecas, mas não sabiam ler, daí a importância das iluminuras e ilustrações, era um mundo traduzido em imagens, o que tornava a comunicação possível a um número maior de pessoas. Um panorama que só começou a mudar com o fim dos resquícios medievais, que permaneceram na Idade Moderna, quando o latim começou a ser abandonado em favor das línguas nacionais. René Descartes foi o pioneiro, escrevendo o *Discurso do Método*, em francês, no século XVI (SILVA, 2018).

No entanto, quando os portugueses chegaram ao Brasil, esse processo de mudança na Europa ainda não havia acontecido, Portugal tinha um dos pés na Idade Média e o outro na Moderna.

### 3.2 O Caso Brasileiro

O processo de formação do Estado brasileiro se confunde com os nossos elementos mais básicos de constituição da sociedade e não poderia deixar de ser diferente o caso da educação, ou do desenvolvimento de um sistema educacional, que sofre rupturas durante seu desenrolar devido ao contexto dos interesses de quem dita as ordens.

Tal sistema mostra-se, no decorrer da história, sempre muito precário, limitado e desorganizado, pois não consegue nem ao menos alcançar aquilo que se propõe. O mais contraditório fato observado é que o período que a companhia de Jesus teve o direito exclusivo e o monopólio das ações educacionais foi talvez o momento em que se tenha tido maior êxito no que havia sido proposto na catequização dos Índios (MANACORDA, 2012).

No decorrer de nossa história, de acordo com os interesses e o contexto bélico europeu, o Brasil sempre esteve envolvido e sofreu consequências diretas nas questões regionais ou internas. Com a vinda da família real por causa das guerras napoleônicas<sup>11</sup> envolvendo a Inglaterra e a França, por exemplo, a pressão sobre Portugal promoveu uma mudança na conjuntura interna da organização e o foco da educação brasileira.

O que há pouco tempo se pensava na catequização dos nativos e, também, em alfabetizar uma fração de classe, se transformou em formação técnica e criação de universidades para a camada mais abastada da população naquele período e um certo investimento em bibliotecas públicas, para dar acesso à cultura socialmente produzida, de acordo com RAMOS:

Seja como for, D. João VI fundou centros de formação no Brasil e diversas instituições culturais, responsáveis pelo fomento a melhoria do sistema educacional. Porém, no que diz respeito à alfabetização, o predomínio do academicismo não fez mais que referendar, sob o verniz da modernidade, práticas arcaicas. Poucas escolas gratuitas voltadas para as primeiras letras foram fundadas, em sua maioria restritas a população urbana de origem europeia. O ideal francês iluminista, baseado na Revolução Francesa, tendo

---

<sup>11</sup> Para saber mais consultar: **A Europa durante as guerras napoleônicas**. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/manfred/historia/v02/06.htm>. Acesso em: 25 jul. 2018.

por pressuposto igualdade, liberdade e fraternidade; não chegou ao Brasil. Neste prelúdio do período Imperial, o Estado não assumiu a obrigação de fornecer educação para todos (RAMOS, 2010).

Quinze anos após a fundação da Companhia de Jesus, Padre Manuel da Nóbrega chega ao Brasil liderando um grupo de seis jesuítas, a fim de catequizar os nativos da Província de Santa Cruz, a pedido do governo imperial. Quinze dias após a chegada do grupo, foi erguida a primeira escola elementar brasileira, na cidade de Salvador, tendo como mestre o Irmão Vicente Rodrigues, o qual tornou-se o primeiro professor nos moldes europeus e que, por mais de 50 anos, dedicou-se ao ensino e propagação da fé religiosa. O grupo de Padre Manuel da Nóbrega, segundo Niskier (1969) podem ser considerados os primeiros educadores do Brasil.

O Padre José de Anchieta chega ao Brasil em 1553, em um segundo grupo de jesuítas que vieram com mesmo intuito do primeiro. Alguns meses após sua chegada, junto a Padre Manuel da Nóbrega funda o Colégio na Capitania de São Vicente, que posteriormente foi transferido para a Escola de São Vicente, no sertão de Piratininga, local que futuramente ficou conhecido como marco zero da fundação da cidade de São Paulo. Por duzentos e dez anos, os jesuítas trabalharam incansavelmente em diversas partes do Brasil. Até que 1759 foram brutalmente expulsos pelo Marquês de Pombal, a esse respeito, Sodré (1989, p. 27) afirma:

Quando da expulsão, realmente, possuíam, os jesuítas, na metrópole, 24 colégios, além de 17 casas de residências, e, na colônia, 25 residências, 36 missões e 17 colégios e seminários, sem contar os seminários menores e as escolas de ler, escrever e contar, instaladas em quase todas as aldeias e povoações onde existiam casas da Companhia.

O sistema educacional jesuítico foi uma alavanca para o desenvolvimento da colônia, sendo muito conveniente, uma vez que seu método atendia os interesses dos que vinham ao Brasil, oferecendo uma formação de qualidade aos moldes europeus. Além disso, articulava os interesses da metrópole e as atividades coloniais, ou seja, formando uma elite colonial. Com os Jesuítas expulsos, a educação brasileira inaugura uma nova fase, que ficou conhecida como Reforma Pombalina.

A fim de reerguer seu país após o desastre econômico, o primeiro-ministro, Marquês de Pombal, tinha intenção de organizar um sistema educacional que formasse o nobre negociante, um sistema simplificado que abreviasse os estudos, encaminhando o maior número de alunos aos cursos superiores, incentivando assim a exploração das riquezas e, conseqüentemente, o aumento nos lucros da metrópole.

Com as mudanças feitas pelo Marquês de Pombal, até o início do século XIX, a

educação brasileira estava praticamente na estaca zero. Souza (2004, p. 116), afirma que,

Em algumas partes do Brasil, as pessoas procuraram remediar o problema da educação. Em Pernambuco, o bispo Dom Azeredo Coutinho criou o seminário de Olinda, onde eram ensinadas ciências naturais e matemática. No Rio de Janeiro e na Bahia surgiram pequenos clubes de intelectuais.

Marquês de Pombal esteve à frente do governo durante vinte e sete anos, para Souza (2004) o primeiro ministro só não teve uma gestão mais exitosa em razão da grande depressão pela qual a colônia passou, com a crise do açúcar e da queda na produção do ouro em 1760.

O Marquês de Pombal foi a figura-chave do governo português entre 1750 e 1777. Sua gestão foi um perfeito exemplo de despotismo esclarecido, forma de governo que combinava a monarquia absolutista com o racionalismo iluminista (FIGUEIRA, 2005, p. 187).

Os problemas na área da educação decorrentes das ações de Pombal só começam a mudar com a chegada da família no Rio de Janeiro, em 1808, sendo instituído o que ficou conhecido como ensino imperial, estruturado em três níveis: primário, secundário e superior. Porém, é notório que no período joanino pouco mudou em relação ao período pombalino na área da educação.

Durante o período regencial, até 1834, todas as decisões sobre educação no Brasil foram tomadas no Rio de Janeiro, sobressaindo as medidas educacionais que referiam-se ao ensino superior. Em síntese, desse período resultaram-se apenas poucas leis, decretos e resoluções relacionadas à educação. Os livros didáticos, ou escolares como era conhecidos na época, eram desconhecidos no Brasil, até meados do século XIX.

Ao final do século XIX, o Império chega ao fim já completamente decadente, e seus projetos não respondem às necessidades do povo. No período seguinte ocorre uma descentralização das ações do Estado, como forma de superar o analfabetismo, que de certa forma consegue promover algumas modificações na estrutura arcaica e limitada, na formação dos professores e no oferecimento de escolas para a população, porém reduzida aos maiores centros. No interior do país, a situação é ainda pior em relação à quantidade de escolas e centros de formação.

Fica evidente que não foi desenvolvida uma política de Estado perene<sup>12</sup> para um

---

<sup>12</sup> Em relação ao desenvolvimento de uma política por parte do Estado democrático burguês para a educação, um componente social tão importante do ponto de vista do pleno desenvolvimento das capacidades humanas, entende-se que tem sim uma prática sistêmica mas pela desmontagem da

componente social tão importante em qualquer sociedade, são muito mais atitudes isoladas e individuais de uma ou outra figura que compõe o governo no contexto de cada período histórico, o que fica claro para RAMOS (2010) ao afirmar que a imensa maioria da população brasileira continuou analfabeta, a educação pública era um privilégio oferecido pelo Estado, não um direito de todos.

Somente a partir da Proclamação da República o Estado passou a oferecer a educação pública gratuita e considerar todos iguais perante a lei, foram enfrentados, de forma responsável por parte do Estado, os problemas educacionais brasileiros. Com forte influência do positivismo de Augusto Comte<sup>13</sup>, nasce a ideia de instituição educacional com os valores de um ensino livre, gratuito e laico. Em um período que, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o analfabetismo chegava a 65% da população.

No contexto dos acontecimentos no continente Europeu e da América do Norte, após a I Guerra Mundial, houve um desenvolvimento do processo de industrialização no Brasil, com grande imigração de alemães, italianos e espanhóis e um aumento da classe operária, no início do governo Vargas, com a criação do Ministério da Educação (MEC).

A partir de 1934, com a promulgação da Constituição Federal, a educação passa a ser um direito, além de pública e obrigação do Estado. Com forte influência do desenvolvimento econômico, o ensino técnico foi valorizado e desenvolvido, no entanto, o combate ao analfabetismo continuou em pauta, ainda com números alarmantes.

A partir da ditadura militar, em 1964, ocorre uma abertura às instituições de ensino privadas e exclusão de disciplinas que poderia, de alguma forma, criar desconforto aos militares, além de um forte controle do que era trabalhado em sala de aula.

Com o processo de redemocratização e a criação da Constituição Federal de 1988, as discussões se ampliaram em torno de um sistema de ensino baseado no princípio do direito à educação universal para todos, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) é aprovada em 1996, tornando o ensino fundamental obrigatório, a gestão democrática, além da autonomia administrativa e pedagógica das unidades escolares.

---

educação pública, na precarização das condições de trabalho exatamente ao contrário que se espera de um país que preza por sua população e seu futuro.

<sup>13</sup>Para mais elementos consulte, disponível em [https://www.ebiografia.com/auguste\\_comte/](https://www.ebiografia.com/auguste_comte/) acesso em 29 de Julho de 2019.

### 3.3 O Livro didático gratuito no contexto da educação pública.

Desde o Renascimento o livro didático aparece como uma ferramenta presente na formação dos estudantes, de acordo com o ideal de Comenius (2001) “ensinar tudo a todos”. O professor dispõe de vários instrumentos que podem ser úteis no processo ensino-aprendizagem, e um dos fundamentais em nossa cultura é o livro didático, uma vez que ele cumpre com o objetivo principal da escola, que é de transmitir saberes sistematizados, pois, segundo LAJOLO (1996), “são centrais na produção, circulação e apropriação de conhecimentos, sobretudo dos conhecimentos por cuja difusão a escola é responsável”.

No Brasil, em um primeiro momento, temos a presença da cartilha de alfabetização como embrião do livro didático. É possível verificar que durante a trajetória do livro didático no Brasil, ele foi uma espécie de mecanismo adotado pelos governos para condução de ideologias, estando vinculado à centralização política e econômica do momento.

O livro didático, diferentemente dos demais, sofria intervenções constantes do poder estabelecido, Estado ou Igreja, devendo os editores e autores, submeterem-se aos programas oficiais escolares. A interferência do poder era regulamentada por legislação e a censura foi uma constante na história dessa literatura (BITTENCOURT, 1996, p. 5).

Após a criação do Ministério da Educação (MEC), no governo Vargas, temos o desenvolvimento de um programa para oferecimento dos livros didáticos aos estudantes, porém como não havia uma política de Estado perene, foi retirado e trazido de volta durante o percurso das ações de nosso sistema educacional.

No Brasil, o livro didático passa a ocupar um papel de destaque no cenário educacional em 1929, quando é criado pelo Estado o Instituto Nacional do Livro (INL), com intuito de estabelecer um órgão específico para legislar a respeito das políticas do livro didático, contribuindo assim para maior legitimidade do livro didático nacional.

Em 1938, com o avanço das políticas educacionais, é criada a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), por meio do Decreto-Lei nº 1.006, de 30/12/1938, marco da primeira política de legislação e controle de produção e circulação do livro didático no país. O CNLD era formado a princípio por sete pessoas, todas especialistas, sendo importante que não tivessem nenhuma ligação comercial com editoras nacionais ou internacionais.

Com a rotineira precariedade e decisões contraditórias na história da educação

brasileira (Nascimento, 2006) a questão do oferecimento de livros didáticos não seria diferente. De acordo com o contexto econômico e político da época, o oferecimento foi limitado para uma parte dos estudantes apenas. O livro didático além de executar uma função pedagógica e social, contribui para a qualidade da educação brasileira, provendo a inclusão social de alunos que, de outra forma, não teriam acesso ao material.

[...] o livro didático ainda se apresenta como eficaz instrumento de trabalho para a atividade docente e para a aprendizagem dos alunos. O acesso a esse instrumento contribui para a qualidade da educação básica, além de promover a inclusão social (BRASIL, 2008, p.5).

Na década de 1960, o país passou por uma série de transformações, enfrentando o regime militar de 1964 a 1985. Nesse período o setor educacional foi imprescindível para a nova ideologia que estava no poder, sendo assim o livro didático não foi poupado de um olhar político, sendo veículo de difusão de novas ideologias. Castro (2005) afirma:

[...] no auge da ditadura militar, demonstra o caráter cercado das ideias e da livre expressão, ações próprias dos períodos onde um pequeno grupo controla o político, social, econômico e cultural de toda uma sociedade. Portanto, as instituições que lidam com a cultura e a educação, a biblioteca e a escola, por exemplo, são diretamente atingidas e os profissionais que nelas atuam, ao assumirem uma atitude de concordância com os modos de transmissão do saber ou censurar o que deve ser posto à mão do leitor, contribuem sem dúvida para a reprodução do regime estabelecido (CASTRO, 2005, p. 99-100).

Nesse período, ainda, foram criados novos programas e políticas para os livros didáticos. A Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático (COLTED) foi criada em 1966, após acordos assinados entre Ministério da Educação e a Agência Norte-Americana, conhecido como acordos MEC-USAID. Em 1966, por meio do Decreto nº 59.355 foi implementado o financiamento a partir de verbas públicas para o livro didático, ficando estabelecido que a finalidade da COLTED é estimular, orientar, coordenar e executar as atividades do Ministério da Educação (MEC) em relação à edição e distribuição desses livros.

A COLTED, já criada, veio atender ao Acordo entre o Ministério da Educação (MEC) e a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID) para a distribuição gratuita de 51 milhões de livros no período de três anos" (CURY, 2009, p. 2009).

Porém, em junho de 1971 a COLTED foi extinta, pelo Decreto nº 68.728, sendo incorporada ao Instituto Nacional do Livro (INL), o qual passou a desenvolver o Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (PLIDEF), assumindo a

administração dos recursos da extinta COLTED. Em 1967 a Fundação Nacional de Material Escolar (FENAME) é criada pela Lei nº 5.327, de 2 de outubro de 1967, com a finalidade de produzir e distribuir material didático, visando a melhora da qualidade desse material, além de diminuir o preço. Mas em 1976, por meio do Decreto nº 77.107, de 04 de fevereiro, a FENAME torna-se responsável totalmente pela execução do Programa do Livro Didático, uma vez que o INL havia sido extinto.

Segundo Figueiras (2015), durante toda a década de 1970 a FENAME tornou-se efetivamente responsável pelas, além da produção de materiais escolares, decisões das políticas para o livro didático, permanecendo na ativa até 1983, quando foi substituída pela Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), pela Lei nº 7.091, de 18 de abril de 1983, a qual altera a denominação da FENAME e amplia suas finalidades, incorporando o PLIDEF, além de propor a participação dos professores na escola dos livros, ampliando o programa para que incluía as demais séries do Ensino Fundamental.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é instituído em 1985 pelo Decreto nº 91.542, que trouxe algumas mudanças em relação às políticas do livro didático no Brasil, como, por exemplo, a participação dos professores no processo de escola, indicando os títulos que deveriam ser adotados, e a reutilização dos livros por um período determinado. Mas somente em 1996 acontece de fato o início do processo de avaliação pedagógica de livros inscritos para o PNLD, sendo publicado nesse ano o primeiro Guia de Livros Didáticos.

A partir das reformas do governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC), nos anos 90, foi retomado o oferecimento dos livros aos estudantes das escolas públicas brasileiras, gradativamente, com a mudança da política e da organização burocrática do órgão responsável.

Em 1997 a FAE é extinta, e sua responsabilidade pela elaboração e execução do PNLD fica a cargo do FNDE. Ao analisar a trajetória histórica do livro didático no Brasil, é possível constatar que o PNLD é o mais antigo programa de livros didáticos, de acordo com dados divulgados pelo FNDE, funciona desde 1929, porém ao longo do tempo foi aprimorado e teve diferentes nomes e formas de execução.

Um olhar sócio histórico sobre o livro didático no Brasil pode levar-nos a uma história de nosso ensino, das práticas escolares, da transformação das disciplinas ao longo do tempo, tudo isso determinado e explicado pela evolução de políticas culturais, sociais e, conseqüentemente, educacionais (SOARES, 1996, p.56).

No histórico sobre o livro didático, no site do Ministério da Educação,

encontramos a descrição da retomada da distribuição das obras:

1995 - De forma gradativa, volta a universalização da distribuição do livro didático no ensino fundamental. Em 1995, são contempladas as disciplinas de matemática e língua portuguesa. Em 1996, a de ciências e, em 1997, as de geografia e história.

1996 - É iniciado o processo de avaliação pedagógica dos livros inscritos para o PNLD, sendo publicado o primeiro "Guia de Livros Didáticos" de 1ª a 4ª série. Os livros foram avaliados pelo MEC conforme critérios previamente discutidos. Esse procedimento foi aperfeiçoado, sendo aplicado até hoje. Os livros que apresentam erros conceituais, indução a erros, desatualização, preconceito ou discriminação de qualquer tipo são excluídos do Guia do Livro Didático.

1997 - Com a extinção, em fevereiro, da Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), a responsabilidade pela política de execução do PNLD é transferida integralmente para o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). O programa é ampliado e o Ministério da Educação passa a adquirir, de forma continuada, livros didáticos de alfabetização, língua portuguesa, matemática, ciências, estudos sociais, história e geografia para todos os alunos de 1ª a 8ª série do ensino fundamental público. Atualmente, a política do programa nacional do livro didático é ampla e contempla todas as etapas do ensino básico brasileiro, em todas as disciplinas, sendo um dos maiores programas de distribuição gratuita de livros dessa natureza no mundo.

### **3.4 A Filosofia como disciplina no ensino médio**

É comum encontrar o discurso de que a Filosofia não é importante na educação básica, o que é um grande equívoco, afinal ela é o mais fundamental dos saberes. Mas, como afirma Heidegger (2002), o que o senso comum entende por Filosofia, pode variar enormemente, desde uma concepção altamente erudita até sua equiparação aos conteúdos rasos de muitos livros de autoajuda.

Essa dificuldade que temos em definir o domínio da Filosofia de forma simples, clara e universalmente aceita é decorrente, em primeiro lugar, da complexidade do saber filosófico. Em geral, as disciplinas se definem por seus objetos de estudo. Com a Filosofia, porém, é diferente, pois, ela abarca vasto campo do conhecimento: o ser, a humanidade, o pensamento, o universo, a morte e muito mais. Não existe nada no mundo, ou fora dele, que não possa ser objeto de indagação filosófica. A Filosofia assim se caracteriza não pelo que estuda, mas por como estuda. Trata-se de uma atividade em que a reflexão ocupa o primeiro plano, esse caráter aberto da especulação filosófica, aliado ao fato de que a Filosofia lida com as questões mais profundas da vida humana, questões para as quais dificilmente conseguimos respostas simples, permite que pensemos essa disciplina de muitas formas diferentes.

O filósofo brasileiro Celso Furtado Favaretto, em um texto dos anos 1990, já se

referia nos seguintes termos a esse caráter plural da Filosofia em relação ao ensino:

Na situação contemporânea talvez seja mais adequado falar-se em Filosofias, pois, face à dispersão, a Filosofia não mais se apresenta como um corpo de saber e, assim, não se propaga da mesma forma como um saber se transmite; apenas por aquisição. A atual disseminação da Filosofia, a mobilidade que muda de lugar o seu assunto, ao mesmo tempo em que indicia uma certa perda de vigor no ensino escolar garante a sua vigência como requisito indispensável para a articulação de teorias e estratégias culturais, políticas, científicas, pedagógicas e artísticas. Esta crise da Filosofia, independentemente da perda de seu assunto instituído, provoca a sua valorização e o desenvolvimento de um novo estilo de filosofar. É exatamente isto que coloca dificuldades para o professor de Filosofia. Ensinar Filosofia: Mas qual Filosofia? Em que consiste a especificidade do Filosófico? E, se não há conteúdos básicos e métodos fixados, o que deve ser considerado o mínimo necessário para realizar uma suposta especificidade em termos de ensino? Assim, o professor de Filosofia, para enfrentar as injunções de sua atividade, antes de definir-se por conteúdos, procedimentos e estratégias, precisa definir, para si mesmo o lugar de onde pensa e fala. Neste sentido, pode-se dizer que o ensino de Filosofia vale o que vale o pensamento daquele que ensina (Favaretto, 1995, p.77).

Em outras palavras, para definir qual método ou qual Filosofia se deve ensinar e aprender, é preciso antes determinar o lugar de onde se fala; em que contexto sociopolítico da educação nacional, com base em quais pressupostos pedagógicos, com quais objetivos e com qual seleção de conteúdos educacionais.

### **3.5 A Filosofia no ensino básico brasileiro**

O ensino de Filosofia no Brasil, hoje disciplina obrigatória no Ensino Médio, possuiu uma longa e sinuosa história, tendo muitas vezes no passado sido excluída do currículo escolar ou relegada à condição de disciplina optativa ou tema transversal. Também vários foram os objetivos do ensino de Filosofia: propedêutico para a educação superior, educação moral, formação da consciência crítica do educando, entre outros.

A Filosofia esteve presente no currículo escolar no Brasil já na época colonial, com a educação dos jesuítas. Tratava-se, porém, de um modelo de Filosofia de caráter livresco e fortemente baseado em Aristóteles e Tomás de Aquino, tendo em vista sua articulação com a pregação da doutrina cristã e a preparação para o estudo da Teologia. Com as expulsões dos jesuítas, em 1759, em consonância com a política do Marquês de Pombal, houve uma abertura maior à leitura de outras vertentes filosóficas, em especial aos textos de autores iluministas. Contudo, como a organização do ensino na época tornou-se precária, com a implantação do sistema de aulas régias, e como a maioria dos professores vinham de uma formação filosófica nos moldes do que tinha

sido o ensino jesuíta, pouca coisa mudou de fato.

Após a independência do Brasil, o ensino de Filosofia continuou presente no ensino secundário, seja como disciplina obrigatória, seja como optativa, mas sempre como propedêutica aos estudos superiores, especialmente Direito e Teologia. Após a proclamação da República, em decreto de 1890, ocorreu uma redistribuição das disciplinas em conformidade com o pensamento positivista, muito influente na época, e a Filosofia ficou ausente do currículo escolar. Foi o início de um processo de idas e vindas dessa disciplina, que se estenderia ao longo do desenrolar da educação no Brasil.

A partir de 1943, com a Reforma Gustavo Capanema, o ensino secundário foi dividido em dois cursos paralelos: o clássico, que privilegiava as humanidades; e o científico, que priorizava o estudo das ciências. A Filosofia figurava como disciplina obrigatória em ambos, com carga horária maior no primeiro, como seria de esperar. Com o passar do tempo, porém, a carga horária de Filosofia no ensino secundário foi diminuindo até tornar-se disciplina optativa, no início dos anos 1960. Em 1971, com a promulgação da Lei nº 5692/71, de Diretrizes e Bases para o ensino de primeiro e segundo graus, sob a ditadura civil-militar, a Filosofia foi oficialmente extinta, para só retornar às escolas na década seguinte, como disciplina optativa. (Cesar, 2012)

Em 1996, com a promulgação da Lei nº 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, incluía-se a diretriz que, ao final do Ensino Médio, o aluno demonstrasse “domínio dos conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania”. Isso, porém, criava uma situação paradoxal, como observa o filósofo e educador Dalton José Alves.

Primeiramente, a lei é muito genérica, vaga e imprecisa quanto a presença da Filosofia nesse nível de ensino. Fala-se que os educandos devem demonstrar “domínios dos conhecimentos de Filosofia”, mas não está claro como isto deve ocorrer concretamente. Em nenhum momento se diz que a Filosofia deve ser uma disciplina do currículo, por exemplo. O importante, parece, é trabalhar o “Filosofar”. Se para isso temos ou não a disciplina Filosofia no currículo parece não importar muito. A julgar pela “letra” e o “espírito” da lei, além da Filosofia continuar como disciplina optativa no Ensino Médio, o que em si já é motivo para muitas discussões, abriu-se o precedente, inédito, de que a presença da Filosofia nesse nível de ensino não precisa se dar necessariamente na forma de uma disciplina (ALVES, 2002. p.69).

Esse paradoxo só poderia ser resolvido de duas maneiras: ou se trabalhariam os conteúdos de Filosofia como tema transversal no Ensino Médio, ou então se faria obrigatória a introdução dessa disciplina no currículo do Ensino Médio. Após um período de evidente fracasso na implementação da primeira alternativa, a Filosofia foi

definitivamente incluída no currículo do Ensino Médio, com a promulgação da Lei nº 11648/08, segundo a qual “serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do Ensino Médio”<sup>14</sup>.

Desde então, o ensino de Filosofia tem vencido vários desafios, como a necessidade de formação de um quadro docente e a disponibilidade de materiais didáticos adequados ao ensino da disciplina, com o objetivo da formação geral para o exercício da cidadania, e às condições de ocupação ou aperfeiçoamento após a conclusão do Ensino Médio.

A discussão central deste trabalho é a presença do pensamento de Karl Marx nos livros que serão analisados. A ideia é propor uma reflexão sobre a forma como o autor é apresentado nos livros analisados, além de questionar o grau de interpretação da imensa obra de Marx e toda uma tradição da qual ele faz parte, pensando de que forma o autor e sua obra são apresentados para os alunos do Ensino Médio? Essa apresentação realmente é fidedigna ao pensamento, à forma de exposição, ao método dialético oriundo dos pensadores gregos feito por Marx em sua obra máxima *O capital*? Qual a relação dessa tradição vulgar presente nos livros didáticos com Engels e sua debandada teórica com os escritos de 1848?

E a partir dessas reflexões desenvolve-se uma série de questões: a resistência ao autor e suas ideias nasce nesse momento? A ideia de que é muito difícil ler e extremamente utópico e teórico é fruto dessa tradição que aparenta ser superficial e limitada. Iremos ver quais as formas apresentadas nos diferentes livros didáticos e promover uma reflexão a respeito da temática, buscando elementos que evidenciem o porquê um autor de grande importância acadêmica e social acaba por ser negligenciado e, muitas vezes, ignorado ou, pior, totalmente desconhecido pelos alunos ao saírem do ensino básico.

### **3.6 Análise dos livros didáticos atuais**

Os livros a serem analisados neste trabalho são obras do último triênio 2015-2017, das principais editoras que participam do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e que contemplam os editais, de acordo com o *site* do Ministério da Educação (MEC). Foram escolhidos por terem sido adotados e serem utilizados nas escolas

---

<sup>14</sup> Vale ressaltar que nesse momento com a implementação Base Nacional Curricular Comum não sabemos de forma efetiva como as disciplinas de Filosofia e Sociologia irão ser ministradas no currículo do Ensino Médio. Mas tudo leva a crer que voltará a ser optativa, como vimos acima em determinados momentos da história da educação no Brasil.

estaduais de Mato Grosso do Sul. Como o ingresso no programa foi em 2017, os livros a serem analisados finalizam o triênio e coincidem com a data de início do curso. Por conveniência de acesso, as obras escolhidas são atuais, facilitando o acesso e tendo em mãos o material que os alunos do ensino básico utilizam diariamente.

A primeira obra é da Editora Moderna, das autoras Maria Lucia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins. O título é *Filosofando – introdução à Filosofia*. A obra é a única para ser utilizada nos três anos do Ensino Médio, compreende toda história da Filosofia na forma histórica e linear. Inicia com os gregos na divisão convencionalizada como Filosofia Antiga e vai até os dias atuais, ou a chamada Filosofia Contemporânea. A obra faz uma breve apresentação das autoras, sua formação e atuação e, logo após, uma apresentação da disciplina e as principais questões a serem abordadas no livro. Propõe indagações e temas, expondo de que forma a obra irá contemplar essas temáticas.

Também existem duas páginas que orientam o leitor sobre a melhor forma de utilizar e entender como estão expostos os assuntos, temáticas e textos de referências, retirados de obras de diferentes filósofos e autores. Conforme exposto na própria página de orientação de uso da obra, ela é composta por 31 capítulos, agrupados em 7 unidades, em 520 páginas, sendo 400 de conteúdo e 120 de suplemento para o professor, com respostas de questões e sugestões de aulas. O exemplar utilizado pelos alunos conta com 420 páginas.

No interior de cada capítulo temos uma organização elementar, que contempla o contexto histórico, explicado acima, o primeiro capítulo versa sobre as utilizações que se faz do termo, suas origens na Grécia e depois as problematizações que nos levam até a Filosofia dos dias atuais, contemporânea. Segue-se então uma abordagem de temas relevantes, expondo de que forma o pensamento filosófico e seus autores estão vinculados.

No início de cada unidade são apresentados fragmentos de textos das obras de filósofos para leitura e interpretação, como forma introdutória ao que será abordado durante o capítulo, na maioria das vezes com exercícios a serem resolvidos. Também é apresentado, de forma organizada e numerada, cada tópico a ser trabalhado.

Ao final da unidade, que é composta por dois capítulos, temos um quantitativo de exercícios a serem desenvolvidos de acordo com o que foi abordado e um dicionário básico. Nessas novas obras, relançadas para esse triênio, são utilizados textos de obras literárias de forma paralela ou interdisciplinar com o conteúdo filosófico, para

leitura e prática de interpretação textual.

Toda obra é bastante ilustrada com figuras coloridas, o que indica um material de bastante qualidade, do ponto de vista da impressão e elaboração por parte das editoras. Sempre traz notas explicativas, que buscam sanar as dúvidas dos estudantes, além de orientar o melhor uso possível da obra em sala de aula.

É recorrente o uso de quadrinhos (tirinha) com personagens como a Mafalda, personagem do cartunista argentino Quino, uma menina curiosa e questionadora, fazendo um paralelo com o que a Filosofia tem em sua essência, em sua origem de elemento crítico. Os personagens Calvin e Haroldo, do cartunista norte-americano Bill Watterson, são também bastante comuns, trazendo questionamentos e críticas a respeito de situações corriqueiras que despertam um momento de reflexão. Uma tentativa de promover a percepção dos alunos adolescentes para a presença da Filosofia em nossa vida diária, além de deixar acessível e contextualizar a linguagem para os alunos.

Em relação aos filósofos, há biografias com elementos básicos a respeito de suas vidas e trajetórias, a fim de familiarizar os estudantes, e instigar a curiosidade de conhecer o autor a ser trabalhado, suas obras e conceitos. Além disso, obras importantes do ponto de vista da Arte são utilizadas para ilustrar os temas trabalhados.

### **3.7 Marx nos livros didáticos.**

#### *3.7.1 Análise 1*

A obra aqui analisada traz o autor de duas formas: se a temática trabalhada no capítulo aborda questões e conceitos por ele desenvolvido, ele é citado de forma bem sucinta. Depois, temos um capítulo específico com os conceitos mais importantes e um pouco de sua trajetória, além dos desdobramentos teóricos e suas influências. Marx aparece dessa forma no capítulo 5, na página 58 do livro em questão, momento no qual trata do conceito de trabalho, consumo e lazer. Como os temas aqui perpassam a obra do filósofo, ele é citado em pouco mais de 4 parágrafos. No tópico intitulado *Trabalho como mercadoria: Alienação*, é exposto o que Marx diz:

O resultado é que o trabalhador torna-se “estranho” a si próprio: trata-se do fenômeno alienação. Para Marx, portanto, a alienação não é puramente teórica. Como na economia capitalista prevalece a lógica do mercado, tudo tem um preço, ou seja, ao vender sua força de trabalho mediante salário, o operário também se transforma em mercadoria (ARANHA, Maria Lucia. MARTINS, Maria Helena.2016 p.58).

O tema é desenvolvido a partir da citação do autor e sua forma de entendimento, e na página posterior retoma a visão de outro autor sobre os elementos que envolvem os tópicos a serem discutidos naquela unidade. Aparecendo como nota de rodapé que o tema alienação será retomado no capítulo 21, dentro de outro tópico, de acordo com a organização didática do livro. Fica bastante claro a limitação da visão de Marx sobre o tema e sendo também desconsiderada toda a contextualização de sua obra, o que facilitaria bastante a compreensão dos alunos a respeito dessa forma de exposição.

Marx volta a aparecer no capítulo 21, página 278 até a página 285, com textos e conceitos e, a partir da página 286 a 287, em alguns exercícios. Ocorre então uma tentativa de contextualização, com a explicação do surgimento da classe trabalhadora e o movimento político (as revoluções burguesas) de oposição entre os diferentes grupos da nobreza, clero de um lado, burguesia e proletários de outro. Esse processo, de acordo com o texto, levou a tentativas de revolução de 1830 a 1848, por parte da classe trabalhadora, engajada no socialismo utópico. No contexto da Revolução Industrial, das grandes transformações na Europa e nas condições de remuneração oferecidas à classe trabalhadora, bem como moradia e condições de sobrevivência mediante ao processo de exploração, ocorre uma tentativa de organização política com surgimento de sindicatos, tendo seu auge em 1864, com a criação da Associação Internacional dos Trabalhadores em Londres (ARANHA, M. L. MARTINS, M, H. 2016, p. 279).

Essa parte é introdutória ao que será trabalhado, de acordo com os autores do livro didático, mas a perspectiva organicista linear, que busca expor os elementos básicos da teoria e do pensamento do autor se mantêm, e depois são tratados os conceitos mais centrais, mais importantes, como se fossem entendidos por etapas, o que torna a experiência mais didática.

Segue com uma introdução à Teoria Marxista e um breve esclarecimento das origens dos autores e suas produções, as influências teóricas e divergências. A partir daí as autoras buscam expor os conceitos em tópicos, mas vale ressaltar que não temos a fonte de onde são retiradas tais informações ou definições. Qual obra foi utilizada? Há uma mistura grande de definições. Não é possível saber se realmente é da autoria de Marx ou um autor que desenvolveu seu pensamento a partir dos conceitos de Marx. Mesmo nas referências não é citada nenhuma obra específica do filósofo que tenha sido utilizada para elaboração do manual didático.

Analisando de forma mais detalhada a obra<sup>15</sup>, foi identificado um índice de nomes que indica as páginas que o autor aparece e, por consequência, quantas vezes suas ideias ou conceitos são discutidos na obra. Mediante esse índice, o nome Marx é citado em diferentes partes do manual didático, exatamente 31 vezes, nos mais diferentes assuntos.

Fica bastante evidente que, na forma que é apresentado ou problematizado Karl Marx, o manual didático expõe limitações e superficialidade. Longe daquilo que é suposto ser sua teoria de superação da forma social posta, seu programa revolucionário totalmente disposto de qualquer organização em direção ao movimento dialético não é exposto, bem como a contradição de classe e suas mazelas conflitantes.

O que temos é uma teoria do conhecimento como no tópico que trata do conceito de Materialismo Histórico, na página 136:

Se o marxismo explica a realidade valendo-se da estrutura material, a ideia é algo secundário, não no sentido de ser menos importante, mas por derivar de condições materiais. Em outras palavras, as ideias do direito, da literatura, da Filosofia, das artes ou da moral estão diretamente ligadas às condições materiais de existência (Filosofando, p. 136).

São eleitos os conceitos mais importantes a serem abordados em sala pelos professores, os quais, na maioria das vezes, não possuem uma formação específica do autor e sua obra, ou mesmo uma leitura aprofundada ou sistemática, um aspecto a ser levado em consideração, dentro das dificuldades nesse contexto da precariedade do ensino da Filosofia no Ensino Médio brasileiro.

### 3.7.2 Análise 2

A próxima obra a ser analisada é da editora SM, com o título *Reflexões, Filosofia e cotidiano*, de autoria de José Antônio Vasconcelos, um volume único para ser usado nos três anos do Ensino Médio. A capa é muito bem ilustrada e colorida, a obra tem um total de 495 páginas, sendo divididas em 4 unidades, 17 capítulos. Das 495 páginas, 97 são utilizadas para referências finais e sugestões didáticas aos professores, além de respostas para as atividades da obra.

No interior da obra, a organização acontece de forma mais temática, não há uma divisão histórica. São apresentados vários autores e, conseqüentemente, várias formas

---

<sup>15</sup> Vale ressaltar que a análise tem sido feita no livro direcionado ao professor que tem uma estrutura um pouco diferente com alguns elementos a mais, os quais aparecem nos livros utilizado pelos alunos.

de entender um determinado assunto. Não existe uma organização didática que siga a forma histórica linear, reunindo autores de um determinado período. É apresentado um tema e vários autores de diferentes períodos, com suas diferentes formas de entendimento do tema. No início de cada unidade são indicados os assuntos a serem tratados por tópicos, sem a divisão por páginas.

No final de cada capítulo há exercícios objetivos sobre os assuntos tratados e indicações de leituras. É oferecido ao aluno um texto para leitura e reflexão a respeito de um tema relevante, além do texto de um filósofo reconhecidamente clássico pela sua importância para a Filosofia ocidental.

Cada temática ou subtópico, no decorrer da unidade, tem em média 3 a 4 páginas e no final dessa organização há uma proposta de reflexão para o aluno como exercício. É recorrente o uso de tirinhas com personagens que questionam ou levam o leitor à reflexão, além de charges abordando os mais variados elementos, sejam eles sociais ou individuais.

As ilustrações estão presentes com fotos de filmes, que servem para ilustrar a discussão e a reprodução de obras de Arte conhecidas. São utilizados também textos poéticos e citações filosóficas dos diferentes autores ou, como chamamos, máximas filosóficas.

O filósofo Karl Marx aparece em discussões sobre o conceito de trabalho no decorrer do manual didático, com a biografia básica do autor, trazendo seu pensamento e sua obra, como podemos ver na página 287, que tem por título *Perfil*:

Em sua obra *O capital* (1867) estabeleceu as bases do entendimento das relações entre o trabalho e o capital, bem como do pensamento econômico e continua dando continuidade a seus estudos sobre a sociedade, a economia e a política. Esses três aspectos são a base daquilo que se conhece por marxismo, a concepção de que as sociedades humanas funcionam por meio da luta de classes (VASCONCELOS, 2016. p.287).

Para o autor, Marx foi um estudioso que interpretou o capitalismo e suas especificidades, além das relações estabelecidas entre sociedade, economia e política. E que, inevitavelmente, as contradições levariam a superação desse modelo social para o socialismo e, posteriormente, como se fosse uma etapa, o comunismo.

Ainda temos um capítulo específico que trabalha os vários tipos de socialismo (Socialismo Marxista e Socialismo Anarquista), definindo o socialismo como uma alternativa ao capitalismo, fora da lógica de mercado. Faz-se um histórico do socialismo contando a experiência de Robert Owen, empresário que realiza uma tentativa de humanizar as relações trabalhistas, primeiro na Inglaterra e depois nos

Estados Unidos, mas sem muito sucesso, acaba por falir, fracassando em seu projeto.

Seguido a isso, Karl Marx e Engels são apresentados como críticos do chamado Socialismo Utópico, incluindo Owen, Saint-Simon e Fourier, e o grande problema apontado estava na prática por esses autores de tentar promover mudanças na forma social, sem evidenciar a luta de classes, a exploração da classe dominante sobre a classe trabalhadora.

Desenvolve-se uma explicação do conceito de mais valia, na página 301:

Na análise de Karl Marx e Engels, incorpora o conceito de valor econômico tal como era entendido pelos economistas do liberalismo clássico, isto é, como resultado do trabalho. Mas, se na indústria quem trabalha são os operários, e se estes recebem apenas uma parcela da produção na forma salário, isso significa que o lucro do capitalista seria uma apropriação indevida. Esse lucro representaria horas trabalhadas e não remuneradas, algo que Marx e Engels chamavam de mais valia (VASCONCELOS, 2016.p.301).

Assim o autor explica que, por causa dos interesses antagônicos, a mudança se daria por meio de uma revolução, no entanto, trata esse processo como algo inevitável, como uma consequência das contradições da forma capitalista. E por fim, trata do chamado marxismo, as inúmeras interpretações por diversos autores após a morte de Marx, mas que acaba virando monopólio dos russos após a Revolução Russa, em 1917.

No entanto, após a descoberta das atrocidades por parte do período Stalinista, que foram evidenciadas no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em 1956, muitos intelectuais abandonaram o enfoque político revolucionário e desenvolveram uma interpretação mais humanista do pensamento marxista (VASCONCELOS, 2016.p.303).

A União das Repúblicas Soviéticas Socialistas (URSS) fracassa e distorce tudo aquilo que Marx expõe na sua obra máxima, promovendo o Estado ao seu estágio mais cruel, por esse motivo, de acordo com o autor do manual didático, surgem correntes reformistas que buscam o verdadeiro Marx. Cita então a Escola de Frankfurt, definida como neomarxista ou mesmo teórico crítica. (VASCONCELOS, 2016.p.305)

Mais uma vez na obra analisada fica claro que em nenhum momento o método de exposição do Capital de Marx é exposto pelo autor, seguindo a tradição dialética de Marx. Além disso, conceitos importantes são tratados, mas de forma isolada, sem a devida contextualização.

### 3.7.3 Análise 3

A próxima obra a ser analisada é do autor Silvio Galo com o título *Filosofia-Experiência do pensamento*, da Editora Scipione, em volume único para os três anos do Ensino Médio. A obra tem um total de 328 páginas. São 5 unidades, cada unidade tem 3 capítulos, com uma organização prévia que traz as diferentes temáticas filosóficas ao longo de cada unidade.

Nessa obra as discussões filosóficas são feitas por temas, não ocorre uma divisão histórica, os temas abordados apresentam as mais diversas visões de filósofos de momentos diferentes da história da Filosofia. O livro é muito bem ilustrado, de acordo com as temáticas abordadas, traz mapas, fotos e reproduções de obra de Arte para contextualizar as questões. Também traz, em suas páginas, as biografias básicas dos diferentes filósofos abordados nos respectivos capítulos.

No final de cada capítulo são trazidos textos de autores clássicos com questões a serem respondidas a respeito do pensamento e da problematização de um filósofo que abordou as questões apontadas nos textos lidos pelos estudantes. Ainda antes do término do capítulo, à disposição do aluno e para sua melhor compreensão, há alguns exercícios sobre o capítulo estudado. Percebe-se uma valorização nas respostas dissertativas, nas quais o aluno pode expor suas ideias e concatenar conceitos. Também há sugestões de filmes, tanto para os alunos quanto para os professores.

Em relação à presença do pensamento e a obra de Marx no manual didático, das 5 unidades, ele está presente em 3 capítulos. Como filósofo a ser abordado, como leitura clássica ou relacionado a discussões sobre o trabalho, Estado ou ainda em questões políticas que envolvem o socialismo e o comunismo.

A primeira vez que aparece o nome do filósofo é nas discussões sobre a natureza humana e nossa capacidade de se reproduzir (Abstrata e Material). Marx é citado quando problematiza que o trabalho tem a capacidade de alienar o indivíduo na forma capitalista. Na página 77, o referido manual didático afirma:

O pensamento marxista distingue entre uma natureza humana geral, que são aspectos invariáveis em toda humanidade, e uma natureza humana modificada de cada época histórica, constituída pelos aspectos particulares de cada cultura e de cada sociedade em um período histórico específico. Para Marx, o ser humano muda ao longo da história e, no entanto, permanece o mesmo. Isso porque ele considerava que o ser humano constrói-se a si mesmo por meio do trabalho e, conforme se constrói, ele se modifica. O trabalho, nesse sentido, remete a todo tipo de criação, produção e transformação que o ser humano é capaz de empreender no mundo. A construção de si é feita a partir de uma espécie de matéria prima, que é o próprio ser humano e essa matéria prima permanece sempre igual. Daí a possibilidade de falar em uma natureza

humana. Na medida em que, ao trabalhar e transformar a natureza, o ser humano também e modifica, é o trabalho que faz com que ele seja propriamente humano. Por condição humana, nos escritos de Marx, entende-se a situação concreta vividas por homens e mulheres, bem como as características que eles assumem em cada momento histórico. Na sociedade capitalista do século XIX, Marx afirmava que a condição humana era a alienação no processo do trabalho, ou o trabalho alienado (GALLO, Silvio. 2016.p. 77-78).

É constante a presença de recortes de temáticas abordadas que não configuram a natureza de sua obra programática. Como já vimos em outras análises, é muito mais uma abordagem humanística do que político filosófica.

Seguindo adiante, Marx volta a aparecer em uma atividade nas páginas 118 e 119, nas quais há um texto abordando as discussões da natureza humana e os efeitos do trabalho nas transformações presentes a partir da Revolução Industrial. Como a massificação da atividade laboral levou a desumanizar o ser humano por torná-lo fragmentado, exaustivo e mecânico. Fica evidente quando, a partir das ideias de Marx, se desenvolve a crítica:

Sob as novas condições, o processo geral de produção, com base na exploração do proletariado, foge à compreensão dos homens, mulheres e crianças, paupérrimos e, em sua maioria, não escolarizados. Hora exata para chegar, para sair, para comer; movimentos repetitivos; limitação da linguagem. Tudo isso mecaniza o comportamento humano, tendo em vista o controle das forças de trabalho direcionado para o aumento da produção (GALLO, 2016. p.118).

É a problematização de um tema central para Marx, mas descontextualizado mais uma vez no manual didático. O tema central, que seria a superação da forma social por meio da emancipação da classe trabalhadora em um processo revolucionário, nem se quer é citado. Nenhum conceito que aponte um posicionamento político, tais como consciência de classe, luta de classe, etc., aparece.

A discussão mais prolongada em que a obra de Marx é melhor apresentada, ou que se tem um maior número de páginas, é a discussão sobre Estado. Algo em torno de uma folha e meia. O tópico é definido como as críticas do Estado no século XIX, e são apresentadas várias críticas dos iluministas ao anarquismo.

É realizada então uma contextualização do surgimento dos estados liberais e a importância da Revolução Industrial nesse cenário, o surgimento da classe operária, que vende sua força de trabalho em troca do salário, e sua luta, tanto no contexto das condições de trabalho e de melhores remunerações, quanto da luta política na perspectiva de ser melhor representada no contexto social.

Marx começa a ser apresentado a partir do pensamento do também filósofo

alemão, Hegel, que em sua obra a *Filosofia do direito* afirma que o Estado é autônomo em relação aos indivíduos (GALLO, 2016. P.217) e ainda complementa:

Para Hegel, a sociedade se constitui em duas esferas: a sociedade civil, que representa os embates e antagonismos, dos indivíduos em sua luta diária pela sobrevivência; e a sociedade política (Estado), a instancia em que os antagonismos da sociedade civil são superados em nome do interesse público (GALLO, 2016. P.217).

Dessa forma, o autor insere e contextualiza o pensamento de Marx nas discussões sobre o Estado, ao contrário de Hegel, Marx afirma que o Estado é quem determina a história. Marx sustentou que é a produção social dos seres humanos, por meio da luta de classes sociais, que determina a estrutura do Estado e a evolução histórica. Essa forma de interpretar a estrutura da sociedade capitalista é fundamentada a partir da análise das sociedades ao longo da história, em que fica evidente que o Estado sempre serviu para defesa dos interesses de grupos detentores de privilégios e favorecidos do ponto de vista econômico e político, o que já fora denunciado por Rousseau, “um instrumento de determinado grupo social para conquistar e manter privilégios” (GALLO, 2016. p.217). Essa visão ficou conhecida e definida como Materialismo Histórico.

Assim foram expostos os interesses antagônicos à luta de classes e à dominação de uma classe sobre a outra. A partir do entendimento do processo histórico se daria a luta política para superação do modelo social vigente, por meio da revolução. Assim seria possível a verdadeira igualdade entre as pessoas, pois, o poder seria exercido pelo povo e não por um pequeno grupo dominante e economicamente privilegiado.

Nas análises realizadas até o momento, esse material didático é talvez um dos únicos que indica uma perspectiva política a partir das lutas sociais e o caminho a ser seguido, além do objetivo da emancipação por parte da classe trabalhadora, e também promove no leitor um pouco mais de entendimento, mesmo que ainda muito sucintamente.

#### 3.7.4 Análise 4

A próxima obra a ser analisada é do autor Juvenal Savian Filho, da editora Autêntica, sendo distribuída pela FTD educação. Intitulada *Filosofia e Filosofias: Existência e sentidos*, em volume único, composta por 519 páginas em sua totalidade. Dividido em 3 unidades e em cada unidade seus capítulos. A unidade 1 é composta por

4 capítulos. A unidade 2 por 14 capítulos e a unidade 3 por 9 capítulos, o que não é bem claro no sumário da obra se são somente pontos de divisões ou capítulos mesmo. Somente abrindo o livro se entende que são divisões por temas ou subtópico. A divisão apresentada no sumário traz uma inovação nessa obra, que é a divisão de duas unidades em temas e a terceira com a perspectiva histórica da História da Filosofia<sup>16</sup>.

No interior da obra os temas são apresentados por tópicos com a presença de um filósofo e seu pensamento de maneira um pouco mais problematizada. Normalmente a ideia de trazer um texto de autoria de um filósofo é para agregar um sentido de autoridade ao que está sendo trabalhado. Ao final de cada tema ou tópico temos uma lista de exercícios para serem desenvolvidos pelo educando. Temos a definição de conceitos que foram trabalhados ao final de cada tema que foi desenvolvido.

Ao final de cada unidade há uma lista de filmes e indicações de leitura para aprofundamento dos temas abordados na unidade. Pela importância da produção de ideias na disciplina de Filosofia e do exercício da produção de textos, existe ainda no final da unidade exemplos de textos dissertativos e as orientações de qual a melhor forma de escrever e produzir um texto dissertativo.

Durante a análise da pesquisa nessa obra, a primeira aparição do pensamento de Karl Marx só acontece na página 25, com o conceito de “fetiche da mercadoria”. É trabalhado o conceito em meia folha do livro por causa da temática que está sendo desenvolvida, a questão do consumismo. O autor é apresentado de forma rasa como responsável por criar o conceito de “fetiche da mercadoria”. Diante disso, quais as condições de compreensão do pensamento do autor que o levaram a essa elaboração conceitual? O contexto traz um recorte de forma isolada, que realmente é questionável para compreensão do tema abordado nessa unidade, mesmo que na página seguinte tenha uma tentativa de explicar e esclarecer o conceito utilizado.

Na página 216, Marx volta a aparecer na discussão do pensador Merleau- Ponty (1908-1961) sobre ressignificação dentro do capítulo 2, que inicia uma discussão sobre política com o título *Sociedade, indivíduo e liberdade*, a partir da página 213. Mais uma vez são citados dois conceitos fragmentados da obra de Marx, pequena burguesia e luta de classes como fonte da própria experiência de vida do autor, por ser de classe

---

<sup>16</sup> Essa forma não foi apresentada nas outras obras analisadas até agora, é uma subdivisão no interior do manual didático que faz parte de uma discussão sobre qual a melhor forma de se trabalhar a disciplina do ponto de vista metodológico.

média e ter ressignificado isso, o que proporcionou uma nova interpretação da forma social.

Marx, assim, passou a entender sua situação de fato como resultado do surgimento da pequena burguesia e da luta de classes. Foi um modo de ressignificar ou de dar sentido à sua nova vida, transformando-a (Filho, 2017.P.216).

A partir da página 218, temos um novo tema abordado com o título *Sociedade e desigualdade*, momento em que o pensamento marxista mais uma vez aparece, mesmo assim ocorre a comparação com o pensamento de outro filósofo, o empirista John Locke (1632-1704). Esse tema é debatido até a página 225.

Ocorre uma exposição do pensamento de Marx e de alguns conceitos centrais de sua obra no contexto de uma discussão sobre a desigualdade entre os homens. Marx é utilizado para expor de que forma se desenvolve a forma capitalista a partir do século XV e XVI e o desenvolvimento do comércio em escala global, com o advento das grandes navegações.

Nesse sentido, é exposto de que forma nessa nova sociedade nascente o significado que o dinheiro assume nas relações sociais e econômicas, “não é o dinheiro que interessa por si mesmo às pessoas, mas aquilo que o dinheiro permite adquirir” (Filho, 2017.p.220). Os conceitos de mercadoria, capital, o fetiche da mercadoria, meio de produção são apresentados para fundamentar a explicação de que forma ocorre a exploração da força de trabalho por parte do capitalista e desse processo nasce o acúmulo de riqueza, grande objetivo do capitalismo.

Os conceitos de ideologia e alienação são expostos para promover a discussão em torno do procedimento de aceitação social do processo de exploração como aceitável e natural, ou seja, as verdadeiras relações ficam ocultas no seio da forma social. A libertação dessa prisão daria por meio da tomada de consciência e “a construção de uma vida social que seja representada por um governo ou um Estado que controle os meios de produção e garanta a igualdade de acesso de todos os cidadãos a eles” (Filho, 2017.P.222). A esse modelo social foi dado o nome de Socialismo, de acordo nossa obra em análise. A partir daí ocorre uma comparação com o liberalismo, sendo apresentado John Locke como representante dessa forma, traçando um paralelo com Marx e apresentando as divergências.

Essa foi a última vez que Marx aparece nesse manual didático e a mais extensa, mas sempre de forma rasa, descontextualizada e isolada, fora de uma tradição de pensamento, como um crítico apenas que aponta as inconsistências da forma

capitalista. Não é promovida uma reflexão em torno da universalidade de seu pensamento, um dos maiores erros e a maior barreira criada para compreensão da sua obra de uma riqueza incalculável para a humanidade.

### 3.7.5 *Análise 5*

Trilhando a pesquisa, chegamos à última obra a ser analisada, dentre as que foram selecionadas para essa etapa, dos autores Gilberto Cotrim e Mirna Fernandes com o título *Fundamentos da Filosofia*, da editora Saraiva. Como as outras, em volume único para as três séries do Ensino Médio.

A obra em sua totalidade tem 512 páginas, incluindo o material pedagógico, são 397 páginas de conteúdo. São 4 unidades com 21 capítulos, mesmo com a mudança de unidade os capítulos são consecutivos, diferentes de outras obras aqui já analisadas. Já na apresentação da obra é exposta a metodologia utilizada para organização dos capítulos, “os conteúdos estão organizados em quatro unidades, tendo como objetivo abordar as Filosofias sob os enfoques temático e histórico” (Cotrim, G. Fernandes, M. 2017. p 3).

Vamos começar pela parte temática, do ponto de vista da organização segue-se uma forma padrão, textos com presença de distintos filósofos com partes que trazer um pensador específico, porém tudo muito fragmentado e limitado. Com ilustrações e gravuras que buscam colorir e contribuir na problematização do tema a ser discutido. Mais uma vez no final de cada capítulo há exercícios para serem respondidos e um outro exercício com um fragmento para reflexão e também respostas.

Mas no final da unidade temos exercícios maiores, um pouco mais elaborado com fontes como o Enem, sugestões de filmes, sempre com exercícios com fragmentos filosóficos para respostas dissertativas. Uma informação nova que não acontecia nas outras obras são questões que têm por objetivo orientar a leitura e o trabalho durante cada capítulo e também conceitos chaves que serão abordados em cada capítulo.

A presença do pensamento de Marx em nosso manual didático analisado aparece a partir do capítulo 7, página 141. Um tópico que discute o conceito de trabalho, mas como pano de fundo a discussão sobre a existência dos seres humanos. E as questões que envolvem a discussão da distinção entre natureza e cultura. Segundo essa perspectiva, “seria a partir do trabalho e da forma como se dá o processo de

produção de vida material das comunidades humanas que se desenvolveriam todas as outras formas de manifestação humana” (Cotrim, Gilberto. Fernandes, Mirna. 2017.P.146).

Ainda nas discussões sobre cultura e as definições de conceitos importantes, aparecem os conceitos de ideologia e alienação nas discussões apresentadas em Karl Marx, na página 151, como conceitos que dissimulam a realidade. Na próxima seção com o título *Antropologia Filosófica*, na página 156, sobre as condições materiais e históricas, Marx é utilizado para demonstrar que nossa existência se explica a partir das relações sociais que estão determinadas pelas relações produtivas e econômicas.

Marx volta a aparecer no capítulo 9, que trata o trabalho como “atividade básica e essencial, que coloca nossa espécie, de maneira clara e definida, no universo da sociedade e da cultura” (COTRIM, FERNANDES. 2017. p.176). O teórico aparece como aquele que problematiza esse tema e que chama atenção para o trabalho como algo tipicamente humano, por necessitar de uma preparação intelectual anterior ao momento da execução. É utilizada a metáfora da aranha, pela forma com que produz em comparação à forma que o tecelão atua.

Durante o desenvolvimento da unidade é feita uma construção histórica do conceito e do sentido desde a Antiguidade até a Idade Contemporânea, momento em que Marx aparece. Seguindo, Marx é apresentado pela divisão em dois momentos diferentes da criatividade: a objetivação e a alienação. Assim, são apresentados outros filósofos que são partícipes do pensamento de Marx, como Erich Fromm e sua interpretação.

Em contraponto aparece o pensamento de David, Ricardo e Adam Smith, filósofos defensores e teóricos que representam o capitalismo e seu desenvolvimento a partir das transformações no século XVIII e a industrialização. A partir desse processo de industrialização, acentua-se o trabalho alienado, mecanizado e fragmentado.

Nessa problematização e discussão em torno do trabalho alienado é citado um trecho dos manuscritos econômicos e filosóficos em que Marx define o trabalho alienado:

Primeiramente, o trabalho alienado se apresenta como algo externo ao trabalhador, algo que não faz parte de sua personalidade. Assim, o trabalhador não se realiza em seu trabalho, mas nega-se a si mesmo. Permanece no local de trabalho com um sentimento de bloqueio de suas energias físicas e mentais que provoca cansaço físico e depressão. Nessa situação, o trabalhador só se sente feliz em seus dias de folga enquanto no trabalho permanece aborrecido. Seu trabalho não é voluntário, mas imposto e forçado. O caráter alienado desse trabalho é facilmente atestado pelo fato de ser evitado como uma praga;

só é realizado à base de imposição. Afinal, o trabalho alienado é um trabalho de sacrifício, de mortificação. É um trabalho que não pertence ao trabalhador, mas sim à outra pessoa que dirige a produção (Marx, Karl. Manuscritos. P.182 apud Cotrim & Fernandes).

Assim desenvolve-se toda uma discussão sobre outros conceitos importantes do pensamento de Marx, como mercadoria, consumo alienado, a relação de produção e consumo e suas consequências.

Marx volta a aparecer pela última vez no capítulo XVI, sobre as discussões filosóficas travadas a partir do século XIX. Movimentos filosóficos no contexto das transformações sociais e econômicas, como Romantismo, Idealismo Alemão, Positivismo e, por fim, o denominado materialismo histórico e dialético.

É feita uma breve biografia da vida e obra de Karl Marx, sua trajetória intelectual e seu envolvimento com os movimentos dos trabalhadores e sua parceria com Engels. Desenvolve-se a crítica ao idealismo hegeliano e sua inversão dos valores para construção do indivíduo como produto do meio social e não do ser absoluto. Interpretar e entender o indivíduo a partir das condições materiais apresentadas no decorrer da história.

Também é apresentado o conceito de materialismo histórico a partir das críticas a Hegel, Feuerbach, Phoudhon, Schopenhauer e Kierkegaard. Aparecem conceitos como Capital e Trabalho, Dialética Marxista, Modo de produção, Luta de Classes, todos com explicações rasas e sem a devida problematização e contextualização.

### **3.8 Aspectos Conclusivos**

Mediante as análises realizadas durante o desenvolvimento do trabalho fica evidente que pela própria estrutura apresentada nos manuais didáticos, configura uma produção que prima pela quantidade e não pela qualidade. O fato do Estado brasileiro ser o maior comprador dessas obras evidencia a presença do capital dos grandes conglomerados de forma direta em consonância com sua reprodução seguindo a lógica do lucro a qualquer custo e não de uma educação de qualidade de nossos alunos.

Apesar de algumas diferenças entre um manual e outro, a forma de construção é basicamente a mesma, os conteúdos, as temáticas sempre sendo medido pela má qualidade. Se tivéssemos materiais de excelente qualidade e assim escolhêssemos entre eles as conclusões seriam outras, mas não é esse o caso. Claramente temos um processo de vulgarização, simplificação do conhecimento.

Pelo vultuoso valor que o Estado brasileiro investe nesse processo, poderíamos

propor outras formas de investimentos nas escolas como estrutura física, construções de bibliotecas com materiais sem prazo de validade<sup>17</sup>, ao contrário, com obras clássicas ou mesmo com ambientes para leitura com tecnologia sem a necessidade da obra física (impressa), internet de qualidade nas escolas ou salas com bons computadores, com tabletes enfim com tantas ferramentas disponíveis não faltariam possibilidades.

Ao que constatamos é um investimento que não dá um retorno esperado na própria rotina da escola. Como são muitos as disciplinas e os livros a serem carregados diariamente e aqui não é uma crítica ao currículo mas uma constatação até porque não temos nesse momento essa pretensão, os alunos acabam por não trazer esse material para as aulas com as próprias famílias aprovando essa prática pelo peso que pode ocasionar alguma lesão física devido à idade e o momento de formação da estrutura muscular dos alunos. O que mais uma vez nos leva a discussão sobre a estrutura física da escola porque não temos um local que os alunos possam deixar, guardar para utilizar diariamente o material.

É claro que com o pensamento e as ideias de Marx o referencial escolhido para desenvolvimento do nosso trabalho não poderia ser diferente, do que constatamos acima com os manuais didáticos, com o discurso de que o momento de formação dos alunos do ensino médio não seria a hora apropriada se privilegia o “ouvir falar sobre” e não o aprendizado significativo do conteúdo trabalhado.

Isso tem desenvolvido uma ausência de qualquer nível de consciência em nossos alunos além de uma resistência ao aprendizado, ao aprofundamento de questões sociais pertinentes a nossa atuação política para aprimoramento das práticas democráticas tão frágeis no decorrer da história da sociedade brasileira.

Além, é claro, que como a lógica industrial estabelece as regras a serem seguidas temos uma política nacional de aprovação em massa sem as devidas qualificações do aprendizado de nossos alunos da educação básica. As discussões estão sempre no nível da circulação daquilo que é mais básico, das amarras que há séculos mantém a classe trabalhadora como uma ferramenta, uma mercadoria para a classe dominante apenas da constatação, sem a *práxis*.

A problematização, a discussão de temas relevantes com nossos alunos a partir

---

<sup>17</sup> Os manuais didáticos são trocados a cada três anos tanto do ensino médio quanto do ensino fundamental, ou seja, a cada três anos os manuais são descartados virando nas escolas entulho que nem para material reciclável são aceitos pela quantidade pelas industriais especializadas.

das ideias de Marx para elevar o nível de compreensão das questões sociais e políticas e quem sabe desenvolver um nível de consciência crítica, consciência de classe se faz urgente. Promover um nível de compreensão satisfatório da lógica do capital por meio da obra de Marx é algo importante para entender que há sim uma possibilidade para uma sociedade além do capital.

#### **4 PROPOSTA DE EMENTA CURRICULAR PARA DESENVOLVIMENTO DE AULAS DURANTE UM BIMESTRE NA TEMÁTICA MARXISTA**

A proposta de ementa curricular desenvolvida neste trabalho tem por objetivo propor elementos que colaborem para diminuição da lacuna na temática Marxista para os professores da educação básica e, também, ofereça-lhes elementos e subsídios dentro da tradição que envolve Marx e a dialética. Tradição essa aleijada pelo desconhecimento e pelo discurso ideológico que propaga questões atribuídas ao autor (Marx), mas que, de fato, foram pouco abordadas ou mesmo não desenvolvidas ao logo de sua produção intelectual. No caso, não são exatamente obras, mas conceitos, ideias erroneamente atribuídas a ele que, na maioria das vezes, descaracterizam seu pensamento e toda sua produção intelectual.

As aulas foram pensadas para serem desenvolvidas durante todo bimestre, seguindo uma organização lógica que facilite a execução por qualquer professor da área de humanas da rede estadual de ensino. Dependendo do contexto da escola, ou mesmo do período do ano, não há professor habilitado na área de Filosofia para ministrar as aulas, assim os professores de áreas afins assumem, uma vez que a carga horária do aluno não pode ser prejudicada durante o ano letivo. É comum nos últimos meses do ano, os professores estarem de licença para tratamento de saúde, devida à carga horária extenuante de trabalho e às precárias condições a que são submetidos.

Em média temos por bimestre de 7 a 8 aulas por turma nas escolas da rede estadual de Mato Grosso do Sul. Os temas escolhidos envolvem temáticas que têm por objetivo seguir uma organização lógica que esclareça muitos conceitos disseminados sobre o pensamento de Marx de forma inadequada. A tradição dialética de Marx tem suas origens em Platão, pensador grego do século VI a.C, nos diálogos platônicos, famosos por abordar os mais diversos temas e com a presença marcante de Sócrates.

Em sua obra máxima, *O Capital*, Marx desenvolve um método de exposição próprio para sua teoria, que apresenta as contradições do capital e, por meio das categorias e conceitos, desmonta o que está latente nas relações capitalistas. Uma das características para leitura e compreensão das obras de Marx é o conceito de universalidade que promove a necessidade da leitura completa de todos os livros para apreensão da *lexis* presente nessa forma de exposição.

É importante lembrar que a tradição na qual Marx está inserido tem uma relação estreita com o Hegelianismo, a chamada Esquerda Hegeliana, na qual pensadores que

até determinado momento partilhavam do pensamento idealista, inauguram uma crítica e rompem com essa tradição. Caminho trilhado por Marx que percebe um misticismo na dialética (Grespan, 2002) em Hegel, no entanto, seu núcleo racional é elemento determinante para análise do capitalismo. Em carta de Marx<sup>18</sup> para Engels, ele destaca o papel de Hegel na elaboração de *O Capital*,

Depois das objeções da juventude, que ressaltavam o aspecto errôneo e mistificador da dialética, o empreendimento da crítica a economia política fez com que ele resgatasse o aspecto positivo, o racional daquele método, pois então percebe como contraditório o seu próprio objeto, o capitalismo. (Grespan, 2002. p.28)

Marx inverte a relação entre materialidade e pensamento, colocando este último como produtor daquela, então colocar a dialética de volta de cabeça para cima implica corrigir o viés idealista (Grespan, 2002) e apresentar corretamente a vida material como produtora de representações mentais, como vemos abaixo claramente:

Os homens são os produtores de suas representações, de suas ideias e assim por diante; mas os homens reais, ativos, tal como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde, até chegar às suas formas mais desenvolvidas. A consciência [bewusstsein] não pode jamais ser outra coisa do que o ser consciente [bewusstesein], e o ser dos homens é o seu processo de vida real. Ou seja, a base para a construção das ideias é a vida social. Sobre essa concepção materialista da realidade, os autores afirmam: totalmente ao contrário da Filosofia alemã, que desce do céu à terra, aqui se eleva da terra ao céu. Quer dizer, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida. Também as formações nebulosas da cabeça dos homens são sublimações necessárias de seu processo de vida material, processo empiricamente constatável e ligado a pressupostos materiais. (MARX, ENGELS, 1932, p. 09.)

Por fim, com o acesso a obras importantes, o desenvolvimento das aulas pode contribuir bastante para desmistificar muitas ideias relacionadas a Marx, geralmente equívocos, e demonstrar a importância do pensamento do autor para que alunos da escola pública, filhos da classe trabalhadora, possam entender o contexto das relações na sociedade capitalista. Porém, o tema precisa ser estudado de maneira correta, com as devidas problematizações e contextualizações. Problematizar como dizemos a pouco o papel da União das Repúblicas Soviéticas Socialistas (URSS) que acaba por ser afastar do ideal de Marx, e de outros conceitos importantes que foram

---

<sup>18</sup> Marx se revolta com certos críticos medíocres que o tratavam como cachorro morto, e declarou-se abertamente discípulo daquele grande pensador, flertando aqui e ali no capítulo sobre a teoria do valor com seu modo peculiar de expressão. Carta de Marx a Engels, 1858.

esquecidos por um projeto de poder do Stalinismo, em um primeiro momento após a morte de Lênin, mas que conseguiram conquistas importantes frente ao mundo capitalista que promovia um jogo ideológico para auto promoção, como modelo social alternativo ao comunismo soviético.

#### **4.1 Metodologia nas aulas**

As aulas na rede de educação pública estadual têm duração de 50 minutos. A disciplina de Filosofia conta com apenas uma aula por semana em cada turma, que tem em média de 35 a 37 alunos. Muitas vezes ocorrem situações na escola que ocupam essa aula semanal, diminuindo mais ainda a carga horária efetiva da disciplina. Levando em consideração que são adolescentes de 14 a 16 anos, normalmente agitados e dispersos, temos de aula o tempo total de 30 a 35 minutos, considerando que esses 10/15 minutos são utilizados para organizar a sala, solicitar o silêncio e a atenção e registrar a chamada, que é feita pelo sistema online da Secretaria Estadual de Educação. Além de montar, quando necessário, o aparato tecnológico disponível, geralmente o projetor e caixas de som.

Após os devidos esclarecimentos, passaremos a tratar a questão metodológica das aulas, algo fundamental no processo educativo e para o sucesso da proposta aqui desenvolvida. As questões metodológicas são fundamentais para o processo de ensino aprendizagem, sendo assim qual a melhor forma de apreensão do conhecimento para os educandos?

Há a chamada prática tradicional, com aula expositiva, utilizando o quadro e o material didático, livro ou material elaborado pelo professor. Outra forma é uma prática mais temática, uma abordagem com discussões e debates sobre temas relevantes. Podemos nesse formato desenvolver projetos com aulas mais participativas, em que sejam utilizados vídeos, textos menos formais com assuntos atuais, chamando a atenção de nossos alunos de acordo com seus interesses.

No entanto, a Filosofia tem uma característica, de acordo com alguns autores, que é a necessidade da sistematização. A especulação é um momento importante para o saber filosófico, mas não pode se resumir a isso, para tanto os gregos são tão importantes para a história da Filosofia. Responsáveis pela inserção da sistematização nos estudos filosóficos, com os filósofos do período cosmológico e depois os clássicos Sócrates, Platão e Aristóteles.

Vale a pena ressaltar que não existe um método fechado sobre a execução das aulas, mas uma mescla entre metodologias e tudo aquilo que chamamos de História da Filosofia, a qual busca reconstruir uma linha de toda Filosofia Ocidental para que os alunos tenham um domínio básico dos elementos, filósofos, método e esteja habilitados a reconhecer tudo isso com o desenvolvimento da capacidade crítica, de síntese e argumentativa.

Existem muitos materiais disponíveis que podem ser utilizados como apoio nas aulas. Vídeos do *YouTube*, com as mais diversas temáticas, com ótima qualidade, porém é preciso que o professor faça uma seleção desses materiais, de acordo com sua área de interesse.

Revistas no formato tradicional e também eletrônico, além de materiais paradidáticos, que são oferecidos pelo Ministério da Educação (MEC), inúmeros *sites* com material de qualidade, com plataformas gratuitas e de domínio livre dos conteúdos. Salientamos que, apesar desse imenso universo de materiais disponíveis na internet e disponibilizados por outros meios, sejam eles oficiais ou livres, ainda defendemos o uso dos textos clássicos e originais como fonte de leitura e pesquisa para nossos alunos.

Ainda que haja uma discussão sobre de que forma isso deve ser feito, com uma simplificação por parte do professor, no sentido de preparar para e com os alunos a leitura dessas obras, essa discussão é apresentada por Wagner Teles de Oliveira (2018) em um artigo que trata da temática intitulado *Filosofia no Ensino Médio: materiais e métodos*, do qual retiramos um fragmento para contextualizar nossa visão:

O ensino de Filosofia não pode prescindir dos textos clássicos da História da Filosofia. Em outras palavras, independente de qual seja o conteúdo programático escolhido pelo professor, por essa perspectiva, não se pode deixar de lado o fato de que a leitura filosófica retém o que há de essencial no trabalho filosófico. Mais do que isso, o ensino de Filosofia, não só não pode prescindir dos textos filosóficos como também deve passar pela leitura filosófica desses mesmos textos. Afinal de contas, não se pode dizer que filosófica uma leitura pela mera razão de o texto lido ser filosófico, no mesmo sentido em que é possível efetuar uma leitura filosófica de um texto não filosófico. Com efeito, se por um lado os materiais e métodos concernidos no ensino de Filosofia não podem desfazer-se da relação especial que a Filosofia mantém com a sua história, por outro, o quanto o ensino de Filosofia refletirá essa relação significa a formação do professor encarregado de ensiná-la. É verdade que a constituição de métodos adequados ao ensino de Filosofia no Ensino Médio talvez seja o maior desafio a ser enfrentado no que diz respeito ao seu retorno ao Ensino Médio. Isto tanto porque a Filosofia ficou por muito tempo afastada do Ensino Médio, de sorte que não havia a demanda por reflexão a respeito de métodos adequados de ensino para o Ensino Médio, quanto porque o seu retorno é recente. No entanto, é verdade também que o ensino de Filosofia não pode prescindir dos textos clássicos de Filosofia, de tal modo que

a adequação dos métodos de ensino ao nível médio parece significar sobretudo uma resposta à pergunta “Como apresentar esses textos clássicos no contexto do Ensino Médio?”. A resposta a esta pergunta pode consistir em desdobrá-la da seguinte maneira: “Como apresentar textos clássicos a alunos do Ensino Médio sem retirar desses mesmos textos o que os torna clássicos, por meio de simplificações cujo pretexto é o de torná-los acessíveis aos alunos?”. Os métodos de ensino então devem visar a possibilitar o uso desses textos sem permitir que a razão que os torna imprescindíveis à formação dos alunos – o fato de serem clássicos – significa um impedimento do acesso dos alunos a esses mesmos textos. Em torno dessas questões diretamente relacionadas ao ensino de Filosofia no Ensino Médio, adiantamos, pretendemos pensar a respeito do alcance da ideia de que os textos clássicos são imprescindíveis ao ensino de Filosofia, no que respeita à formação dos professores de Filosofia e o lugar da disciplina de Filosofia no currículo do Ensino Médio. (OLIVEIRA, 2018)

## 4.2 A ementa geral do bimestre: "Pensamento dialético: de Platão a Marx"

**Disciplina:** Filosofia

**Professor:** Otoniel Blanco

**Ementa Geral**

- Reflexões sobre a obra de Marx – O Capital, O manifesto Comunista, A guerra Civil na França e O 18 Brumário.
- Quem foi Marx? Filósofo ou Sociólogo? O método de exposição em Marx.
- A elucidação da lógica do capital.

**Objetivo:**

As aulas visam promover um acesso maior às obras de Marx e a partir das considerações gerais do autor sobre o capitalismo e o método de exposição dialético, o desvelar das relações no interior da sociedade do capital.

**Programa:**

- Apresentação da disciplina: ementa, conteúdo e avaliação.
- Biografia – Vida e obra.
- As relações no capitalismo.
- Alguns conceitos – Sociedade de Classes, Método de exposição dialético, Mais- valia, Comunismo, Trabalho.
- Principais obras – Periféricas e sua obra máxima *O Capital*.
- A vulgarização das ideias de Marx.
- O legado de Marx.
- Hegel e a Dialética.

**Procedimentos:**

- Aulas expositivas e dialogadas.

- Orientação de leitura, análise e interpretação.
- Leitura prévia dos textos (Artigos e Livros).
- Debate e discussão sobre o conteúdo dos textos.
- Estudos dirigidos.
- Apresentação de vídeos com falas dos principais estudiosos do tema5.

#### Recursos:

- Lousa e Canetão.
- Projetor Multimídia (*datashow*).
- Computador portátil (*notebook*).
- *Pen drive*.

#### Referências:

ANTUNES, Jadir. BENOIA, Hector. **A exposição dialética do conceito de crise em O Capital**. São Paulo: Editora Tykhe, 2009.

BENOIT, Hector. **Sobre a crítica (dialética) de O Capital**. Revista Crítica Marxista, n° 03. São Paulo: Xamã, 1996.

GRESPLAN, Jorge. **O Capital, de Marx: gênese e estrutura da obra**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mlcL98p8ZPQ>. Acesso em: 26 set. 2019.

HISTÓRIA, Revista Escrita da. **Entrevista completa com Jorge Gresplan (USP)**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jQvPYGnhzs8>. Acesso em: 26 set. 2019.

HISTÓRIA, Revista Escrita da. **Interesse pela História, Economia e Marxismo - Parte 1**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A2MX-sZLYm0>. Acesso em: 26 set. 2019.

MARX, Karl. **A Guerra Civil na França**. São Paulo: Global, 1986.

MARX, Karl. **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. Introdução**. In: Revista Temas de Ciências Humanas. Vol. II. São Paulo: Grijalbo, 1978. MARX, Karl. **O Capital**. Vol. 1. 3ª edição, São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MARX, Karl. **O Capital**. Vol. 2. 3ª edição, São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MARX, Karl. **O Dezoito Brumário e Cartas a Kugelmann**. 5ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MOURA, Alessandro de. **A ruptura de Marx com Hegel: Crítica da filosofia do direito de Hegel**. 2016. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/A-ruptura->

de-Marx-com-Hegel-Critica-da-filosofia-do-direito-de-Hegel. Acesso em: 26 set. 2019.

PAUTA, Canal Caderno Sem. **1º vídeo da série: Hegel - do Caderno sem Pauta.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zbNCYVgF4m8>. Acesso em: 26 set. 2019.

PAUTA, Canal Caderno Sem. **2º episódio - Mas afinal, o que é uma exposição dialética?** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lfoAgdcP8YU&t=27s>. Acesso em: 26 set. 2019.

#### **Avaliação:**

- Serão realizadas:
- Avaliação 1: nota de 0 a 10 pontos.
- Produção de textos sobre a temática.
- Produção de desenhos que representem algum momento da discussão.
- Poesias sobre temas abordados nas discussões.
- Atividade Pedagógica de Recuperação de Desempenho em Avaliações: será realizada uma Prova Substitutiva (nota de 0 a 10) ao final do curso para recuperar a nota da prova com o menor desempenho do aluno.

#### **4.2.1 Aula 1**

**Disciplina:** Filosofia

**Professor:** Otoniel Blanco

**Ementa:** As obras periféricas importantes na trajetória intelectual de Karl Marx.

**Objetivo:** Proporcionar aos alunos conhecimento básico das obras importantes na trajetória intelectual do autor.

#### **Programa:**

- Apresentação das obras.
- Contexto histórico e aspectos políticos das obras.
- Conceitos Centrais.
- Abordagem Teórica – Método.
- Aspectos Conclusivos.

#### **Procedimentos:**

- Aulas expositivas e dialogadas.
- Orientação de leitura, análise e interpretação.
- Leitura prévia dos textos.
- Debate e discussão sobre o conteúdo dos textos.

- Apresentação de Vídeos sobre o tema.

**Recursos:**

- Lousa e canetão.
- Projetor Multimídia (*datashow*).
- Computador portátil (*notebook*).

**Referências:**

HISTÓRIA, Revista Escrita da. **Interesse pela História, Economia e Marxismo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A2MX-sZLYm0>. Acesso em: 26 set. 2019.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. 9. ed. Petrópolis, RJ: vozes, 1999.

MARX, Karl. **A Guerra Civil na França**. São Paulo: Global, 1986.

MARX, Karl. **O Dezoito Brumário e Cartas a Kugelmann**. 5ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

**Avaliação:**

- Produção individual no caderno de textos sobre o tema: texto dissertativo, poema, etc.
- Pinturas, produções artísticas que representem a discussão.

4.2.2 *Aula 2*

**Disciplina:** Filosofia

**Professor:** Otoniel Blanco

**Ementa:** Introdução ao pensamento de Karl Marx e Friedrich Engels.

**Objetivo:** Promover o acesso dos alunos ao pensamento e obra de Marx e Engels de maneira direta e objetiva.

**Procedimentos:**

- Aulas expositivas e dialogadas.
- Orientação de leitura, análise e interpretação.
- Leitura prévia dos textos.
- Debate e discussão sobre o conteúdo dos textos.
- Apresentação de vídeos sobre o tema.

**Recursos:**

- Lousa e canetão.

- Projetor Multimídia (*datashow*).
- Computador portátil (*notebook*).

**Referências:**

HISTÓRIA, Revista Escrita da. **Entrevista completa com Jorge Grespan (USP)**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jQvPYGnhzs8>>. Acesso em: 26 set. 2019.

**Avaliação:**

- Produção individual no caderno de textos sobre o tema: texto dissertativo, poema, etc.
- Pinturas e produções artísticas que representem a discussão.

4.2.3 Aula 3

**Disciplina:** Filosofia

**Professor:** Otoniel Blanco Aula 3

**Ementa:** A influência de Hegel na dialética método de exposição de Marx.

**Objetivo:** Proporcionar aos alunos entendimento sobre a influência do pensamento de Hegel na dialética marxista.

**Programa:**

- Quem é Hegel?
- O que é o Idealismo?
- Conceitos Centrais – Inversão da dialética
- Abordagem Teórica – Método.
- Aspectos Conclusivos.

**Procedimentos:**

- Aulas expositivas e dialogadas.
- Orientação de leitura, análise e interpretação.
- Leitura prévia dos textos.
- Debate e discussão sobre o conteúdo dos textos.
- Apresentação de vídeos sobre o tema.

**Recursos:**

- Lousa e canetão.
- Projetor Multimídia (*datashow*).
- Computador portátil (*notebook*).

**Referências:**

ANTUNES, Jadir. BENOA, Hector. **A exposição dialética do conceito de crise em O Capital**. São Paulo: Editora Tykhe, 2009.

BENOIT, Hector. Sobre a crítica (dialética) de O Capital. Revista Crítica Marxista, nº 03. São Paulo: Xamã, 1996.

GRESPLAN, Jorge. **A dialética do avesso**. In: Revista Crítica Marxista (São Paulo). Volume 14, pp. 26 a 47, 2002.

MARX, Karl. **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. Introdução. In: Revista Temas de Ciências Humanas. Vol. II. São Paulo: Grijalbo, 1978.

MOURA, Alessandro de. **A ruptura de Marx com Hegel: Crítica da filosofia do direito de Hegel**. 2016. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/A-ruptura-de-Marx-com-Hegel-Critica-da-filosofia-do-direito-de-Hegel>. Acesso em: 26 set. 2019.

PAUTA, Canal Caderno Sem. **1º vídeo da série: Hegel - do Caderno sem Pauta**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zbNCYVgF4m8>. Acesso em: 26 set. 2019.

#### **Avaliação:**

- Produção individual no caderno de textos sobre o tema: texto dissertativo, poema, etc.
- Pinturas e produções artísticas que representem a discussão.

#### **4.2.4 Aula 4**

**Disciplina:** Filosofia

**Professor:** Otoniel Blanco

**Ementa:** Marx é o método expositivo.

**Objetivo:** Promover com os alunos o entendimento do método exposição dialético a partir de sua obra máxima *O capital*.

#### **Programa:**

- O que é o método de exposição em Marx?
- O desenvolvimento do método para a produção de *O capital*.
- Conceitos Centrais – Inversão da dialética (Terra para o céu).
- Abordagem Teórica – Método.
- Aspectos Conclusivos.

#### **Procedimentos:**

- Aulas expositivas e dialogadas.
- Orientação de leitura, análise e interpretação.

- Leitura prévia dos textos.
- Debate e discussão sobre o conteúdo dos textos.
- Apresentação de vídeos sobre o tema.

**Recursos:**

- Lousa e canetão.
- Projetor Multimídia (*datashow*).
- Computador portátil (*notebook*).

**Referências:**

ANTUNES, Jadir. BENOA, Hector. **A exposição dialética do conceito de crise em O Capital**. São Paulo: Editora Tykhe, 2009.

BENOIT, Hector. **Sobre a crítica (dialética) de O Capital**. Revista Crítica Marxista, nº 03. São Paulo: Xamã, 1996.

GRESPLAN, Jorge. **A dialética do avesso**. In: Revista Crítica Marxista (São Paulo). Volume 14, pp. 26 a 47, 2002.

MARX, Karl. **O Capital**. Vol. 1. 3ª edição, São Paulo: Nova Cultural, 1988. MARX, Karl. **O Capital**. Vol. 2. 3ª edição, São Paulo: Nova Cultural, 1988.

PAUTA, Canal Caderno Sem. **1º episódio. - Crítica de Marx à dialética hegeliana**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kHAXwnJYPNQ&t=19s>. Acesso em: 26 set. 2019.

PAUTA, Canal Caderno Sem. **2º episódio - Mas afinal, o que é uma exposição dialética?** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IfoAgdcP8YU&t=27s>. Acesso em: 26 set. 2019.

**Avaliação:**

- Produção individual no caderno de textos sobre o tema: texto dissertativo, poema, pinturas e produções artísticas que representem a discussão.

**4.2.5 Aula 5**

**Disciplina:** Filosofia

**Professor:** Otoniel Blanco

**Ementa:** O legado de Marx.

**Objetivo:** Discutir com os alunos a atualidade do pensamento de Marx.

**Programa:**

- A capacidade de análise e elucidação da lógica do capital.
- A finitude e a contradição na sociedade de capitalista.
- As crises.

- Uma sociedade além do capital.
- Aspectos Conclusivos.

**Procedimentos:**

- Aulas expositivas e dialogadas.
- Orientação de leitura, análise e interpretação.
- Leitura prévia dos textos.
- Debate e discussão sobre o conteúdo dos textos.
- Apresentação de vídeos sobre o tema.

**Recursos:**

- Lousa e canetão.
- Projetor Multimídia (*datashow*).
- Computador portátil (*notebook*).

**Referências:**

MARX, Karl. **O Capital**. Vol. 2. 3ª edição, São Paulo: Nova Cultural, 1988. MARX, Karl. **O Capital**. Vol. 1. 3ª edição, São Paulo: Nova Cultural, 1988.

PAUTA, Canal Caderno Sem. **1º episódio. - Crítica de Marx à dialética hegeliana.**  
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kHAXwnJYPNQ&t=19s>. Acesso em: 26 set. 2019.

PAUTA, Canal Caderno Sem. **2º episódio - Mas afinal, o que é uma exposição dialética?**  
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IfoAgdcP8YU&t=27s>. Acesso em: 26 set. 2019.

**Avaliação:**

- Produção individual no caderno de textos sobre o tema: texto dissertativo, poema, Pinturas e produções artísticas que representem a discussão.

**4.2.6 Aula 6**

**Disciplina:** Filosofia

**Professor:** Otoniel Blanco

**Ementa:** A vulgarização das ideias de Marx.

**Objetivo:** Debater com os alunos o impacto da revolução russa e como se deu aproximação e o distanciamento das ideias de Marx.

**Programa:**

- Revolução Mundial.
- Morte de Lenin.

- Ascensão de Stalin.
- Assassinato de Trotsky.
- Aspectos Conclusivos.

**Procedimentos:**

- Aulas expositivas e dialogadas.
- Orientação de leitura, análise e interpretação.
- Leitura prévia dos textos.
- Debate e discussão sobre o conteúdo dos textos.
- Apresentação de Vídeos sobre o tema.

**Recursos:**

- Lousa e canetão.
- Projetor Multimídia (*datashow*).
- Computador portátil (*notebook*).

**Referências:**

ANTUNES, Jadir. BENOA, Hector. **A exposição dialética do conceito de crise em O Capital**. São Paulo: Editora Tykhe, 2009.

BENOIT, Hector. **Sobre a crítica (dialética) de O Capital**. Revista Crítica Marxista, nº 03. São Paulo: Xamã, 1996.

GRESPLAN, Jorge. **A dialética do avesso**. In: Revista Crítica Marxista (São Paulo). Volume 14, pp. 26 a 47, 2002.

MARX, Karl. **O Capital**. Vol. 1. 3ª edição, São Paulo: Nova Cultural, 1988. MARX, Karl. **O Capital**. Vol. 2. 3ª edição, São Paulo: Nova Cultural, 1988.

PAUTA, Canal Caderno Sem. **1º episódio. - Crítica de Marx à dialética hegeliana**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kHAXwnJYPNQ&t=19s>. Acesso em: 26 set. 2019.

PAUTA, Canal Caderno Sem. **2º episódio - Mas afinal, o que é uma exposição dialética?** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lfoAgdcP8YU&t=27s>. Acesso em: 26 set. 2019.

**Avaliação:**

- Produção individual no caderno de textos sobre o tema: texto dissertativo, poema, etc.
- Pinturas e produções artísticas que representem a discussão.

#### 4.2.7 Aula 7

**Disciplina:** Filosofia

**Professor:** Otoniel Blanco

**Ementa:** As relações no capitalismo.

**Objetivo:** Promover uma reflexão que demonstre como o método dialético elucida a lógica do capital.

**Programa:**

- Exploração.
- O nível de emprego.
- O papel do Estado.
- Excedente de mão de obra.
- Aspectos Conclusivos.

**Procedimentos:**

- Aulas expositivas e dialogadas.
- Orientação de leitura, análise e interpretação.
- Leitura prévia dos textos.
- Debate e discussão sobre o conteúdo dos textos.
- Apresentação de Vídeos sobre o tema.

**Recursos:**

- Lousa e canetão.
- Projetor Multimídia (*datashow*).
- Computador portátil (*notebook*).

**Referências:**

MARX, Karl. O Capital. Vol. 1. 3ª edição, São Paulo: Nova Cultural, 1988. MARX, Karl. O Capital. Vol. 2. 3ª edição, São Paulo: Nova Cultural, 1988.

PAUTA, Canal Caderno Sem. 1º episódio. - Crítica de Marx à dialética hegeliana. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kHAXwnJYPNQ&t=19s>. Acesso em: 26 set. 2019.

PAUTA, Canal Caderno Sem. 2º episódio - Mas afinal, o que é uma exposição dialética? Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ifoAgdcP8YU&t=27s>. Acesso em: 26 set. 2019.

**Avaliação:**

- Produção individual no caderno de textos sobre o tema: texto dissertativo, poema, etc.

- Pinturas e produções artísticas que representem a discussão.

#### 4.2.8 Aula 8

**Disciplina:** Filosofia

**Professor:** Otoniel Blanco

**Ementa:** Uma breve revisão e fechamento do curso.

**Objetivo:** Discussão geral sobre as aulas e temas abordados no curso.

**Programa:**

- Uma breve retomada do conjunto das aulas.
- Análise conjuntural.
- Contexto social e político atual.
- Um programa político.
- Aspectos Conclusivos.

**Procedimentos:**

- Aulas expositivas e dialogadas.
- Orientação de leitura, análise e interpretação.
- Leitura prévia dos textos.
- Debate e discussão sobre o conteúdo dos textos.
- Apresentação de Vídeos sobre o tema.

**Recursos:**

- Lousa e canetão.
- Projetor Multimídia (*datashow*).
- Computador portátil (*notebook*).
- Fotocópias dos textos.

**Avaliação:**

- Análise reportagens de jornal ou revistas e interpretação da turma.
- Auto avaliação das aulas e aprendizado de todo programa no conjunto das 8 aulas.

#### 4.3 Indicação de materiais para o apoio nas aulas

Tipo de Material	Resumo	Tema	Tempo de duração/ Páginas
<b>LIVROS</b>			

Dicionário Básico de Filosofia.	Traz verbetes de Filosofia e biografia básica dos filósofos.	Filosofia.	309 páginas.
BENOA, Hector. <i>A odisseia de Platão: as aventuras e desventuras da dialética</i> . São Paulo: Annablume, 2017.	As aventuras e desventuras da Dialética.	A dialética no desenvolvimento da Filosofia Ocidental.	563 páginas
<b>SITES</b>			
<a href="https://www.youtube.com/results?search_query=caderno+sem+pa+uta">https://www.youtube.com/results?search_query=caderno+sem+pa+uta</a>	Um canal para não economistas sobre economia, história e outros mais. Aqui nosso objetivo é difundir e democratizar o acesso ao público interessado em assuntos econômicos e correlatos, - assuntos esses que são parte do nosso cotidiano, mas nem sempre muito claro para nós mortais.	Introdução ao contexto e conceitos básicos em economia política.	35 min.
<a href="https://www.youtube.com/watch?v=26P7hbjgrns&amp;t=54s">https://www.youtube.com/watch?v=26P7hbjgrns&amp;t=54s</a>	Neste episódio do KANAL MARX tratamos sobre o método de apresentação escolhido por Marx para escrever <i>O Capital</i> . Apresentamos o momento dialético hegeliano e a crítica materialista proposta por Marx.	Método em Marx.	48 min.
<a href="https://www.youtube.com/watch?v=lfoAgdcP8YU&amp;t=28s">https://www.youtube.com/watch?v=lfoAgdcP8YU&amp;t=28s</a>	No segundo episódio da série entraremos na dinâmica que Marx imprimiu ao Capital através da adoção da dialética como método de exposição das categorias do Capital em Geral.	Dialética.	8:54min.
<a href="https://www.youtube.com/watch?v=kHAXwnJYPNQ&amp;t=23s">https://www.youtube.com/watch?v=kHAXwnJYPNQ&amp;t=23s</a>	No primeiro episódio da série abordaremos os aspectos da crítica e as transformações que Marx faz na sua exposição dialética. Segure firme, dói, mas ao longo dos vídeos descobriremos melhor o que é esse Sujeito Capital.	Dialética Hegeliana.	8:29min
<a href="https://www.youtube.com/watch?v=vslOoTN6yk&amp;t=321s">https://www.youtube.com/watch?v=vslOoTN6yk&amp;t=321s</a> Episódio II	Lançamento do Livro "O Problema da Crise Capitalista em O Capital de Marx" de Hector Benoit & Jadir Antunes. Paco Editorial SP - 2016.	Conceito de Crise.	42:39min.

	Livraria da Vila. Vila Madalena - SP. Julho de 2016. Parte II. Para maiores detalhes sobre os autores, o conteúdo do livro e a obra de Marx vide o site pessoal.		
<a href="https://www.youtube.com/watch?v=jl92srz_PXw&amp;t=863s">https://www.youtube.com/watch?v=jl92srz_PXw&amp;t=863s</a> Episódio I		Conceito de Crise.	24:14min
<a href="https://www.youtube.com/watch?v=asQSxtfEVI&amp;t=1s">https://www.youtube.com/watch?v=asQSxtfEVI&amp;t=1s</a>	Jorge Grespan é amplamente considerado um dos maiores estudiosos da obra de Marx no Brasil. Este é o primeiro vídeo da série que produzimos com ele sobre seu novo livro, MARX E A CRÍTICA DO MODO DE REPRESENTAÇÃO CAPITALISTA. Ao longo de seis vídeos, o professor vai percorrer alguns dos principais temas e conceitos envolvidos em sua obra, oferecendo algumas chaves de leitura para enfrentar seu livro e, entender melhor o que está em jogo nos três livros de O CAPITAL, de Marx.	O pensamento de Karl Marx.	8:08min
<a href="https://www.youtube.com/watch?v=mlcL98p8ZPQ">https://www.youtube.com/watch?v=mlcL98p8ZPQ</a>	Jorge Grespan é amplamente considerado um dos maiores estudiosos da obra de Marx no Brasil. Neste segundo vídeo da série sobre seu novo livro, MARX E A CRÍTICA DO MODO DE REPRESENTAÇÃO CAPITALISTA, Grespan apresenta a gênese e estrutura do projeto de crítica da economia política de Marx, discute a lógica da articulação entre os três livros de O CAPITAL, e fala sobre a importância das edições da MEGA em sua pesquisa. Ao longo de seis vídeos, o professor vai percorrer alguns dos principais temas e conceitos envolvidos em sua obra,	A obra máxima de Marx.	10:33min

	oferecendo algumas chaves de leitura para enfrentar seu livro e, entender melhor o que está em jogo nos três livros de O CAPITAL, de Marx.		
<b>ARTIGOS</b>			
Revista de Filosofia: Aurora (PUCPR. Impresso), v. 23, p. 509-524, 2011.		A crise no capital.	15 páginas
Folha explica Marx. São Paulo, 2008. Jorge Grespan	A folha de São Paulo apresenta por meio do Professor Jorge Grespan os principais conceitos em Karl Marx.	Biografia de Marx.	87 páginas
Resenha: Gênese e estrutura de O capital de Marx. Outubro (São Paulo), São Paulo.	O autor apresenta como foi elaborado a obra máxima de Marx, <i>O Capital</i> e seus principais conceitos.	Elaboração do capital.	5 páginas
BENOIT, Hector. A dialética hegeliana como superação da dialética Platônica. Revista Idéias. Campinas: IFCH- Unicamp, v. n 1, p. 79-93, 1995.	A importância da discussão em torno do conceito de dialética para Hegel.	Discussão do conceito de dialética.	14 páginas
BENOIT, Hector. Sobre a crítica (dialética) de O Capital. Revista Crítica Marxista, n° 03. São Paulo: Xamã, 1996.	Em sua forma mistificada, a dialética foi um modismo alemão porque parecia transfigurar o existente. Em sua configuração racional, para a burguesia e para os seus doutrinários porta-vozes, a dialética é um escândalo e um horror, porque ela na positiva compreensão do existente contém, ao mesmo tempo (zugleich), a compreensão da sua negação, da sua necessária submersão; cada forma desenvolvida no fluxo do movimento, portanto, é também apreendida do seu lado transitório; [a dialética] sem deixar se submeter por nada, é em sua	A Crítica do conceito de dialética.	32 páginas

	essência crítica e revolucionária. (Marx, posfácio da 2ª edição de <i>O Capital</i> , M EW, 23, pp. 27-8).		
MUSSE, R. A dialética como método e filosofia no último Engels. <i>Crítica marxista</i> , São Paulo, Xamã, n.5, p.40-54, 1997.	Ricardo Musse apresenta a discussão do papel de Engels como herdeiro de Marx em relação ao método dialético método de exposição do capital de Marx.	O papel do Engels na discussão de método em Marx.	14 páginas
MUSSE, R.. Sistema e método no último Engels. <i>Discurso</i> , São Paulo, Discurso Editorial, n.30, p.87-100, 1999.	Num bojo de uma exposição “positiva” do marxismo, a obra do último Engels, além de promover uma expansão das fronteiras dessa doutrina, promove uma outra articulação, distinta daquela pensada por Marx entre método e sistema.	Discussão entre método e sistema.	13 páginas
Platão e as temporalidades: a questão metodológica. Hector Benoit. São Paulo - SP: Annablume, 2015. Resenha  Disponível em < <a href="https://jadirantunes.files.wordpress.com/2014/12/hector-benoit-platão-e-as-temporalidades-a-questão-metodológica.pdf">https://jadirantunes.files.wordpress.com/2014/12/hector-benoit-platão-e-as-temporalidades-a-questão-metodológica.pdf</a> >	Hector Benoit é extremamente claro e preciso em mostrar os vários níveis e temporalidades do discurso filosófico de Platão, desde seus momentos mais simbólicos e alegóricos até seus níveis mais abstratos e propriamente conceituais, mostrando a ausência de sentido nas leituras dominantes e tradicionais que pretendem encontrar, e revelar, em Platão, a existência de uma teoria ou doutrina pronta, fechada, dogmática e purificada de toda referência não propriamente conceitual contida no interior dos diálogos.		7 páginas
<b>PODCAST</b>			
Kanal Marx – Episódio 2 – Método Dialético	Neste episódio o canal apresenta o método escolhido por Marx desenvolvido em sua obra <i>O Capital</i> .	Apresentação sobre o método dialético para apresentação da obra de Marx.	47:21min
Kanal Marx – Episódio 3 – Prefácios	Nesse terceiro episódio conversaremos sobre os prefácios e posfácios presentes na obra <i>O Capital</i> .	Leitura e apresentação do prefácio do	54:17min

		Capital de Marx.	
Kanal Marx – Episódio Piloto	É um <i>podcast</i> voltado para a leitura da obra O Capital, nesse episódio iremos apresentar a proposta do Kanal Marx, o autor, os apresentadores e o tema dos episódios seguintes.	Leitura e apresentação dos três volumes do Capital de Marx.	36:25min

## 5 CONCLUSÃO

O desenvolvimento desse trabalho de mestrado nos proporcionou uma imersão no universo dos elementos aqui discutidos e nos levaram a conclusões em algumas situações mais rápidas que outras até pelo grau de dificuldade dos temas aqui enfrentados. Ocorreu também uma mudança na hipótese inicial do componente teórico de nossa pesquisa em relação a um dos elementos aqui em discussão.

Na análise dos manuais didáticos temos elementos suficientes para afirmar que são inapropriados, limitados e insuficientes para executar uma aula de qualidade com conhecimento significativo para nossos alunos seja na disciplina de Filosofia ou em todos os outros componentes curriculares da rede estadual de ensino pela uniformidade das obras produzidas e distribuídas pelo programa de compra dos manuais didáticos do Fundo Nacional de desenvolvimento da Educação (FNDE).

Existe uma discussão da validade da distribuição dos manuais didáticos para nossos alunos em que muitos são a favor e outros são contra. Se formos olhar o vultoso valor investido e o retorno atual é bastante questionável do ponto de vista do desempenho e do aprendizado até pelos resultados das avaliações realizadas pelo próprio governo federal, entenda-se Ministério da Educação (MEC). Mas é claro que também não podemos e não vamos culpar o manual didático por todas as mazelas da educação pública e sua má qualidade no ensino atual.

Em outros momentos históricos era sim uma fonte de pesquisa e estudo de grande valor para os estudantes, mas o contexto atual é outro, ainda mais se formos olhar o nível de desenvolvimento tecnológico que alcançamos e temos disponível para serem inseridos na escola. Sem falar que a geração de alunos é totalmente ligada as novas tecnologias desde a idade mais tenra. Isso expõe um conflito da metodologia nas aulas com o interesse dos alunos em sala de aula o que leva quase sempre a um fracasso total no aprendizado.

A alternativa por nós pensada seria o investimento em ferramentas mais atraentes para nossos alunos do ponto de vista tecnológico por exemplo tablets, computadores e as escolas com acesso à internet de qualidade que dariam maior dinamismo nas aulas e práticas pedagógicas. Algo interessante se fossemos pensar

na proposta atual de aumentar as escolas de tempo integral do país tanto do governo federal quanto estadual que na verdade se tem uma proposta de até 2022 a maioria das escolas estaduais serem de tempo integral.

Além é claro do investimento em infraestrutura na construção de bibliotecas com acervo de obras clássicas o que facilitaria a leitura em quantidade compatível com os alunos, com ambientes propícios a leitura e estudo para nossos alunos. Lembrando que a cada três anos todos os manuais didáticos são trocados tanto do ensino médio quanto do fundamental gerando uma quantidade gigantesca de livros que não servem para nada, ou seja, um desperdício de material muito grande.

O que no caso do uso da tecnologia não ocorre por causa da facilidade de manuseio e a disponibilidade de obras digitais quase que ilimitadas. E na situação das bibliotecas não se tem prazo de validade desde que sejam de boas edições com material de qualidade das edições com bons conteúdos no ambiente bem organizado do ponto de vista físico.

E vale lembrar que estamos pensando do ponto de vista da melhor aplicação dos orçamentos públicos para um melhor aproveitamento no aprendizado de nossos alunos e o que fica de legado na escola para as novas gerações que a cada ano se matriculam nas redes públicas de ensino pelo Brasil.

Poderíamos no caso da Filosofia além de obras da história da filosofia ler as obras clássicas por período filosófico ali direto no que autor produziu e não o que passou pela interpretação de alguém, pela percepção ideológica carregada nos manuais didáticos. Acreditamos que seria muito mais aproveitável do que os atuais manuais didáticos.

E aqui vale ressaltar também como é importante no contexto das questões sociais e políticas a presença da Filosofia no currículo do ensino médio básico da rede pública de ensino. Se formos nos referir aos grandes pensadores na história da humanidade que desenvolveram grandes obras, grandes contribuições para a sociedade ocidental ela se justifica por si só.

Mas temos uma insistente prática em dizer que pesquisa em Filosofia ou área humanas não produz nada para o mercado de trabalho, para o meio empresarial como

se todas as pessoas da sociedade só tivessem valor se inventasse algo ligada a reprodução do capital.

A Filosofia é importante quando com os grandes pensadores gregos investigam, criam proporciona a sociedade ocidental a produção de conhecimento, de possibilidades que nos trazem até os dias atuais e com toda inovação tecnológica. Com toda produção cultural dos tempos de ouro da sociedade grega e espartana.

Do desenvolvimento da capacidade crítica, da construção do diálogo da aceitação do outro, da tolerância religiosa do respeito as diferenças sejam elas de origem religiosa, social ou sexual. O que nos tempos atuais tem se tornado a cada dia mais escasso.

Falar desses temas tão abrangentes do ponto de vista da nossa humanidade, daquilo que temos em comum inevitavelmente nos leva a nossa referência teórica, ao pensador que nos possibilitou uma visão além daquilo que está posto.

É claro que para Karl Marx apresentar a lógica do capital, o desenvolvimento do capitalismo e suas engrenagens principalmente o que está latente foi trabalho de uma vida, quase uma missão para a vida toda não só a sua mais de toda sua família (Esposa e Filhas). E como não valorizar esse trabalho? Esse esforço? Uma vida de perseguições, sofrimentos e todos os tipos de limitações impostas por quem tinha medo de seus interesses serem ameaçados com uma possível organização por parte da classe trabalhadora, classe revolucionária no entendimento de Marx.

Quando Marx morre em 1883 todo seu legado em grande parte conhecido por sua atuação política junto aos trabalhadores e produção teórica passa para as mãos de Engels seu herdeiro inegável pela parceria de anos. Pelo momento de grandes acontecimentos sociais e políticos na conjuntura europeia Engels se vê quase que obrigado atual em todos os campos seja na política, no campo científico ou dos fenômenos sociais.

Essa necessidade leva no calor dos acontecimentos a de certa forma propor ou aceitar pela pressão de organizações políticas dos trabalhadores como a Social Democracia Alemã importante junto aos alemães rever algumas posições e aceitar soluções que não eram as mesmas partilhadas em outros momentos com Marx.

Então além de atuar juntos aos movimentos dos trabalhadores europeus, organizar para publicação os dois próximos livros do Capital de Marx que morreu antes de publicá-los, Engels ainda precisava responder aos chamados reformistas do socialismo que se digladiavam entre si a décadas com as mais ridículas ou incoerentes

propostas para a vitória da classe trabalhadora e que apesar de todos esses problemas de incoerência teórico metodológico acabavam por influenciar grupos inteiros de militantes.

Engels em uma das suas principais biografias assume que Marx é um gênio, tem outro peso quando escreve outro nível de compreensão e forma de exposição da lógica do capital.

Um caminho que levou Engels a promover outros entendimentos como no caso que diz que seria possível vencer e tomar o poder por meio dos votos na democracia burguesa. Essas falseadas se tornam campo minado para as mais nocivas práticas de falsificação, alteração das obras produzidas no período de 12 anos em que Engels continuou atuante após a morte de Karl Marx.

Uma tradição que passa a ser construída com os mais diferentes interesses na luta política das organizações dos trabalhadores europeus, como uma visão chamada até de forma sociológica ou positivista do método dialético utilizado por Marx em sua obra máxima O capital que nada tinha ver com essa perspectiva pelo contrário tem a ver com outra tradição ligada a importantes pensadores gregos, ao núcleo racional da dialética hegeliana.

Os fatos nos levam a uma utilização por parte dos stalinistas e a tradição soviética que precisa produzir sua própria versão e fundamentar suas práticas, escondendo, limitando acesso aos escritos fazendo com que autores de menor expressão rivalizassem com Marx ou mesmo tivessem suas obras em muito maior número de impressões para servirem de manuais dos partidos dos trabalhadores de toda Europa.

O próprio Engels acaba por rivalizar com Marx em algumas obras que são muitos mais impressas com várias edições em curtos períodos, como o Anti-Durhing, do Socialismo utópico ao Socialismo científico entre outros. Esse processo inviabiliza o acesso ao Capital de Marx que tem outra forma de apresentar e interpretar o capitalismo como forma social vigente.

O projeto de Engels de produzir um sistema filosófico a partir da dialética como forma de resposta ao método científico burguês cria termos como materialismo histórico dialético, a ideia da dialética em três momentos: tese, antítese e síntese uma forma simplificada, vulgar de exposição presente no capital de Marx.

Essa tradição acaba por influenciar toda uma geração de estudiosos do marxismo no mundo todo e que hoje está presente em nossos manuais didáticos uma

forma fragmentada, aleijada daquilo que Marx promoveu enquanto teórico atuante na luta política juntos aos trabalhadores, promovendo uma visão inadequada, equivocada de conceitos, categorias importantes para a maturidade política da classe trabalhadora corroborando muito para o aumento da resistência em estudar, aceitar a possibilidade de uma saída para a forma social que está posta. Uma sociedade além do capital.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Jadir; BENOIT, Hector. **Sócrates e o nascimento da razão negativa**. [S. l.: s. n.], [2017]. Disponível em: <https://jadirantunes.files.wordpress.com/2016/07/hector-benoit-sc3b3crates-o-nascimento-da-razc3a3o-negativa-introduc3a7c3a3o.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2017.

BAIRRO, Catiane Colaço; SCHELP, Patrícia P. **A ideologia nos livros didáticos de Língua Portuguesa das séries iniciais: refletindo sobre as capas**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2009.

BENOIT, Hector. Sobre a crítica (dialética) de o Capital. **Crítica Marxista**, São Paulo, Brasiliense, v.1, n.3, p.14-44, 1996. Disponível em: [https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/artigo16Art1.2.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo16Art1.2.pdf). Acesso em: 19 jul. 2016.

BRASIL, Ministério da Educação. **Programa nacional do livro didático**. Apresentação. Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017. Brasília, DF: MEC, [2017]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pnld/apresentacao>. Acesso em: 20 jan. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: FNDE, [2018]. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/historico>. Acesso em: 29 jul. 2018.

CÂNDIDO, Fernando P.; SHEEN, Maria Rosemary C. C.; MELLO Rosângela A. **A formação da consciência: considerações a partir do texto “A ideologia alemã” de Karl Marx e Friedrich Engels**. **Revista Histedbr**, n. 14, jun. 2004. Disponível em: [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/revis/revis14/art10\\_14.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/revis/revis14/art10_14.pdf). Acesso em: 5 out. 2016.

CARTOLANO, Maria Teresa Penteadó. **Filosofia no ensino de 2º Grau**. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1985.

CESAR, Renata Paiva. O ensino da Filosofia no Brasil. *Revista Pandora Brasil*, n. 38, jan. 2012. ISSN 2175-3318. Disponível em: [http://revistapandorabrasil.com/revista\\_pandora/renata/o\\_ensino\\_brasil.pdf](http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/renata/o_ensino_brasil.pdf). Acesso em: 06 nov. 2016.

COMENIUS, Iohannis Amos. **Didática Magna**. Introdução, Tradução e Notas de Joaquim Ferreira Gomes. São Paulo: Fundação Calouste Gulbenkian, c2001. [Versão para eBook: eBooksBrasil]. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/didaticamagna.html>. Acesso em: 21 ago. 2018.

COSTA, Cruz. **Panorama da história da filosofia no Brasil**. São Paulo: Cultrix, 1960.

ENGELS, Friedrich. **Anti-Duhring**. São Paulo: Boitempo, 2015.

ENSINO Fundamental e Médio - Valores Negociados para Livros Impressos e MecDaisy. Abrelivros. Org, [S. l.], 2015. [Arquivo] PDF, color. Disponível em: [http://www.abrelivros.org.br/home/images/pnld\\_2015-/valores\\_de\\_aquisicao\\_por\\_editora/-ensino\\_fundamental\\_e\\_medio.pdf](http://www.abrelivros.org.br/home/images/pnld_2015-/valores_de_aquisicao_por_editora/-ensino_fundamental_e_medio.pdf). Acesso em: 18 jul. 2018.

FAVARETTO, Celso F. Notas sobre ensino de filosofia. *In*: ARANTES, Paulo E. *et al* (orgs.). **A filosofia e seu ensino**. São Paulo: EDUC, 1993. p. 77-85. Disponível em: <http://professor.ufabc.edu.br/~la.salvia/wp-content/uploads/2016/09/Favaretto-notas-sobre-ensino-de-filo.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

FIGUEIRA, D. G. **História** - questões do Enem e de vestibulares de todo Brasil - Volume único. 2. ed. São Paulo: Ática. 2005.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Que significa pensar?** Ijuí: Unijuí, 2002.

HOBSBAWN, E. A fortuna das edições de Marx e Engels. *In*: HOBSBAWN, E. **História do Marxismo**. São Paulo: Paz e Terra, 1982, p. 423-443. Vol I.

HUNT, Tristram. **Comunista de Casaca**. Tradução de Dinah Azevedo. Rio de Janeiro: Record, 2010.

LIMA, Carlos Roberto Cirne. **Dialética para principiantes**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2002.

LOMBARDI, José Claudinei. **Reflexões sobre educação e ensino na obra de Marx e Engels**. Campinas, SP: [s.n.], 2010.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, G. H. L. **Marx e a História: das particularidades nacionais**. 2016. Dissertação (Mestrado em filosofia) – Programa de Pós Graduação em Filosofia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**. 13. ed. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2012. 455 p.

MARX, Karl. **O capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1998. [Série Os economistas], Vol. I, Seq. III, cap. V.

MELLO, G.N. **O livro didático no sistema de ensino público do Brasil**. São Paulo:

Ebrap, 1999.

MUSSE, R. A dialética como método e filosofia no último Engels. **Crítica marxista**, São Paulo, n. 5, p. 40-54, 1997. Disponível em:

[https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/artigo33Artigo1.3.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo33Artigo1.3.pdf).

Acesso em: 29 jul. 2018.

MUSSE, R. Anti-Dühring na gênese do marxismo. **Crítica Marxista**, Campinas, n. 44. p. 145-157, fev. 2017. Disponível em:

[https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/comentario2017\\_10\\_01\\_17\\_59\\_26.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/comentario2017_10_01_17_59_26.pdf). Acesso em: 29 jul. 2018.

MUSSE, R. Sistema e método no último Engels. **Discurso**, n. 30, p. 87-100, 1999. DOI:

<https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.1999.38028>. Acesso em: 20 ago.

2018.

MUSSE, Ricardo. O primeiro marxista. *In*: BOITO JÚNIOR, Armando *et al.* (orgs.). **A Obra Teórica de Marx**. São Paulo: Xamã/ IFCH-Unicamp, 2000. p. 81-89.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. O Império e as Primeiras Tentativas de organização da Educação Nacional (1822-1889). **HistedBR**, Campinas, Unicamp, 2006. Disponível em:

[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/periodo\\_imperial\\_intro.html](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/periodo_imperial_intro.html). Acesso em: 01 set. 2018.

PANIAGO, Maria Lúcia. “**Livro**” didático: a simplificação e a vulgarização do conhecimento. São Paulo: Instituto Lukács, 2013. 96 p.

PEREIRA, Maria de Fátima R. O programa de Gotha. Histedbr, Campinas, [2006]. [Verbete]. Disponível em:

[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_c\\_programa\\_de\\_gotha.htm](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_programa_de_gotha.htm). Acesso em: 20 ago. 2018.

RAMOS, Fábio Pestana. História do Analfabetismo no Brasil. **Pra entender a história**, ano 1, v. 10, Série 13/12, p.01-16, 2010. Disponível em:

<http://vitimasdoinss.blogspot.com/2013/05/historia-do-analfabetismo-no-brasil.html>.

Acesso em: 18 jul. 2018.

SILVA, J. C. . Os Jesuítas e o ensino de filosofia no Brasil. 2009. (Apresentação de Trabalho/Seminário). Disponível em:

[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario8/\\_files/DMUEbAe2.doc](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_files/DMUEbAe2.doc). **Acesso em: 26 out. 2016.**

SILVA, Odair Vieira da. Análise da obra discurso do método de René Descartes e as bases do método científico. **Revista científica eletrônica da pedagogia**, São Paulo, Ano XVIII, n. 31, jul. 2018. Disponível em:

[http://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/PJSxP61leb70hSq\\_2018-](http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/PJSxP61leb70hSq_2018-)

10- 27-9-5-20.pdf. Acesso em: 1 out. 2019.

SILVEIRA, Rene Trentin. GOTO, Roberto. **Teses sobre o ensino de Filosofia no ensino médio**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

SODRÉ, N. W. Síntese de história da cultura brasileira. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

SOUZA, N. (Org.). **Catolicismo em São Paulo** - 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo, 1554 a 2004. São Paulo: Paulinas, 2004.

UNIVESP. **Breve história da educação no Brasil**. [S. l.: s. n.], 31 maio 2010. 1 vídeo (4 min), color. Canal Univesp.2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eTYWvbW8XPw>. Acesso em: 25 jul. 2018.

VASCONCELOS, Francisco Antonio de. A dialética em Marx. **Saberes Interdisciplinares**, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 99-120, dez. 2017. Disponível em: <http://186.194.210.79:8090/revistas/index.php/SaberesInterdisciplinares/article/view/142> . Acesso em: 23 out. 2016.